Cinearte

Telegrammas: FILME

PROGRAMMA REX

Telephone: 2-3654

ORLANDO MOURA

Rua da Carioca, 6-1.º

RIO DE JANEIRO

CINEMA SONORO

Som no disco —— **Som no film**

COM OS AFAMADOS APPARELHOS AMERICANOS PARA FILMS FALLADOS, CANTADOS E MUSICADOS

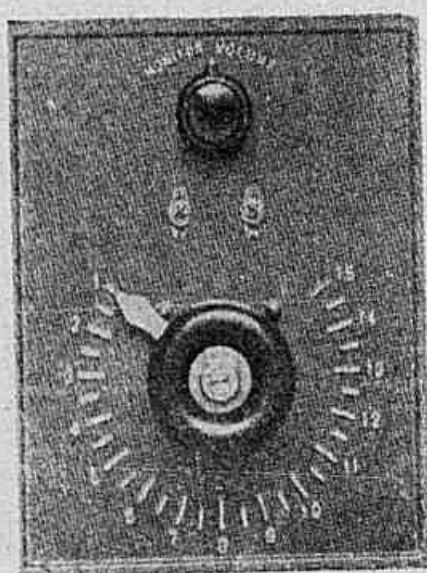
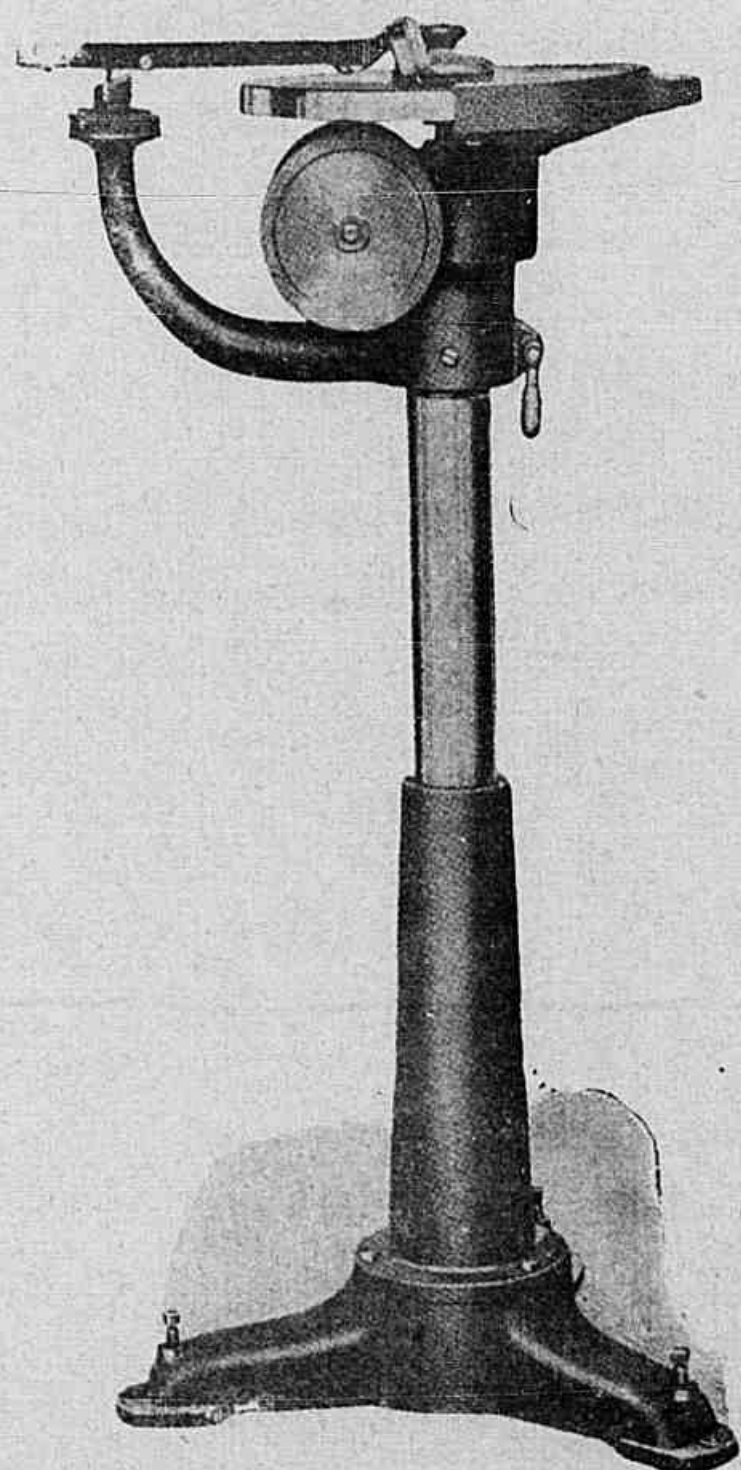
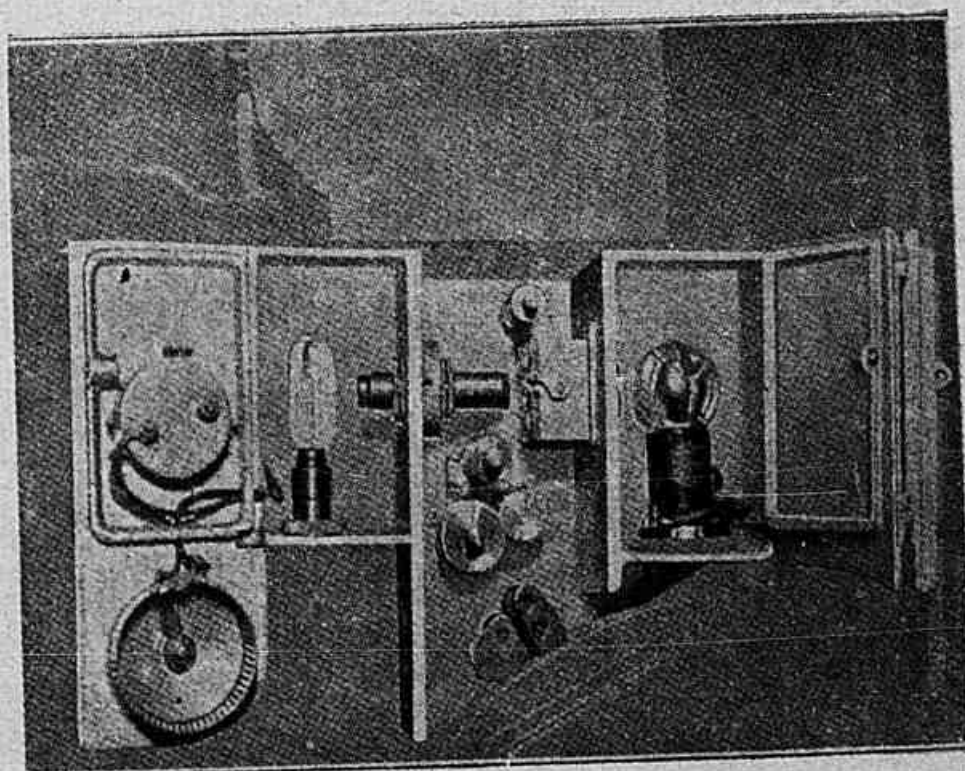
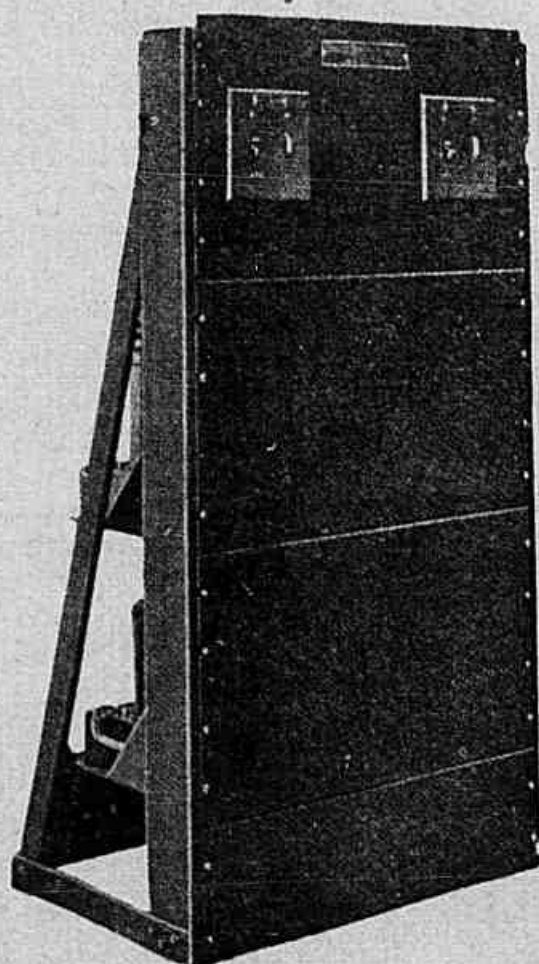
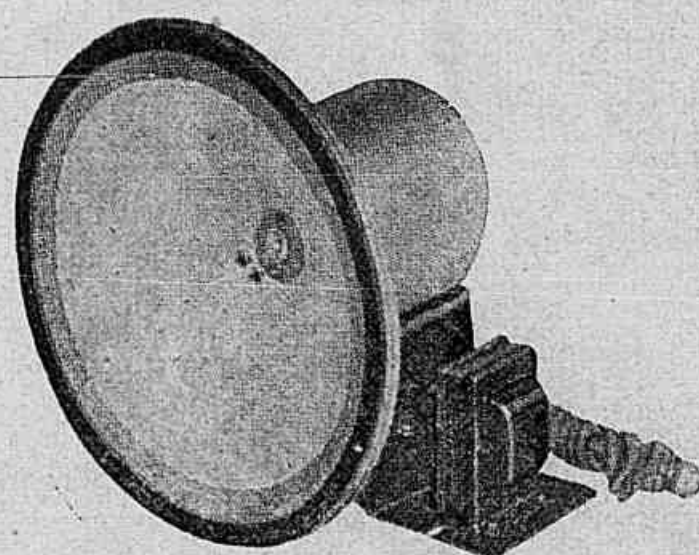
SUPER MELLAPHONE

(DA MELLAPHONE CORPORATION-ROCHESTER-N. Y.)

PARA CINEMAS ATÉ **3.000** LOGARES!

PREÇOS ACCESSIVEIS A TODOS OS EMPRESARIOS

SOM NO DISCO A PARTIR DE **7:500$000**

Adapta-se a qualquer projector

CINEMA FALLADO AO ALCANCE DE TODOS!

PEÇAM INFORMAÇÕES

Grande Concurso de Contos Brasileiros

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos em suas paginas, o melhor passatempo nas horas de lazer.

C O N D I Ç Õ E S :

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

1) Poderão concorrer ao grande concurso de contos brasileiros de "O Malho" todos e quaesquer trabalhos literarios, de qualquer estylo ou qualquer escola.
2) Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almaço dactylographadas.
3) Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.
4) Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citarem-se factos estrangeiros.
5) Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.
6) Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro enveloppe fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.
7) Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.
8) E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam inéditos e originaes do autor.

P R E M I O S :

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar	Rs.	300$000
2º "	Rs.	200$000
3º "	Rs.	100$000
4º, 5º e 6º collocados, cada . . .	Rs.	50$000

Do 7º ao 15º collocados — (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para todos...", "Cinearte" ou "O Tico-Tico".

E N C E R R A M E N T O :

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

J U L G A M E N T O :

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

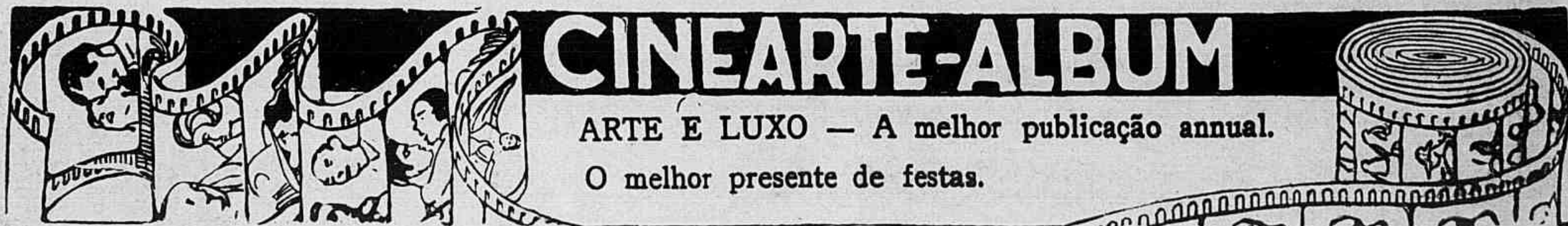
I M P O R T A N T E :

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o

"GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS"
Redacção de "O Malho" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

OS PREMIOS D'"O TICO-TICO"

O Tico-Tico, a querida revista das creanças, entre os valiosos premios que distribue aos leitores nos seus concursos semanaes, incluiu alguns livros de muito encanto e utilidade para a infancia. Essse livros constituem collecções completas, de 9 e 12 volumes cada uma, das preciosas obras "Encanto e verdade", do professor Thales de Andrade, e "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra. "Encanto e verdade" divide-se em nove volumes, a saber: A filha da floresta — El-rei Dom Sapo — Bem-te-vi feiticeiro — D. Iça rainha — Bella a verdureira — Tótó judeu — Arvores milagrosas — O pequeno magico — Fim do mundo. "Galeria dos Homens Celebres", do professor Alvaro Guerra, comprehendendo os seguintes volumes: I — José de Anchieta, II — Gregorio de Mattos III — Basilio da Gama, IV — Thomaz Gonzaga, V — Gonçalves Dias, VI — José de Alencar, VII — Casimiro de Abreu, VIII — Castro Alves, IX — Alvares de Azevedo, X — Fagundes Varella, XI — Machado de Assis, XII — Olavo Bilac. Essas collecções constituem primorosos livros de caprichosa confecção material e foram editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, que os offereceu para premios d'*O Tico-Tico*, demonstrando, desse modo, o zelo e dedicação que, de ha muito, aliás, dispensa a todas as manifestações em beneficio da instrucção do povo.

Lilion, film que estava delineado para Janet Gaynor, sob direcção de Frank Borzage, com Charles Farrell, foi entregue a Rose Hobart, artista de Broadway e de grande successo. Não se sabe a que attribuir o facto... Cegonhas, dona Janet?...

✣ ✣ ✣

C. Garner Sullivan, conhecido scenarista, deixou o Studio da Universal.

✣ ✣ ✣

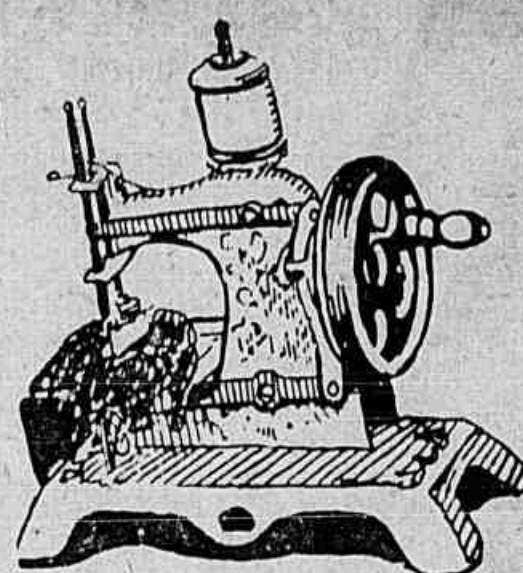
O trabalho de Reginald Denny em "Madam Satan", de De Mille, elevou-o á categoria de importante na M. G. M. Obteve o papel de Danillo, na refilmagem falada de "Viuva Alegre", que Sidney Franklin vae dirigir. E, ainda, assignou um contracto de longo termo com a mesma fabrica.

✣ ✣ ✣

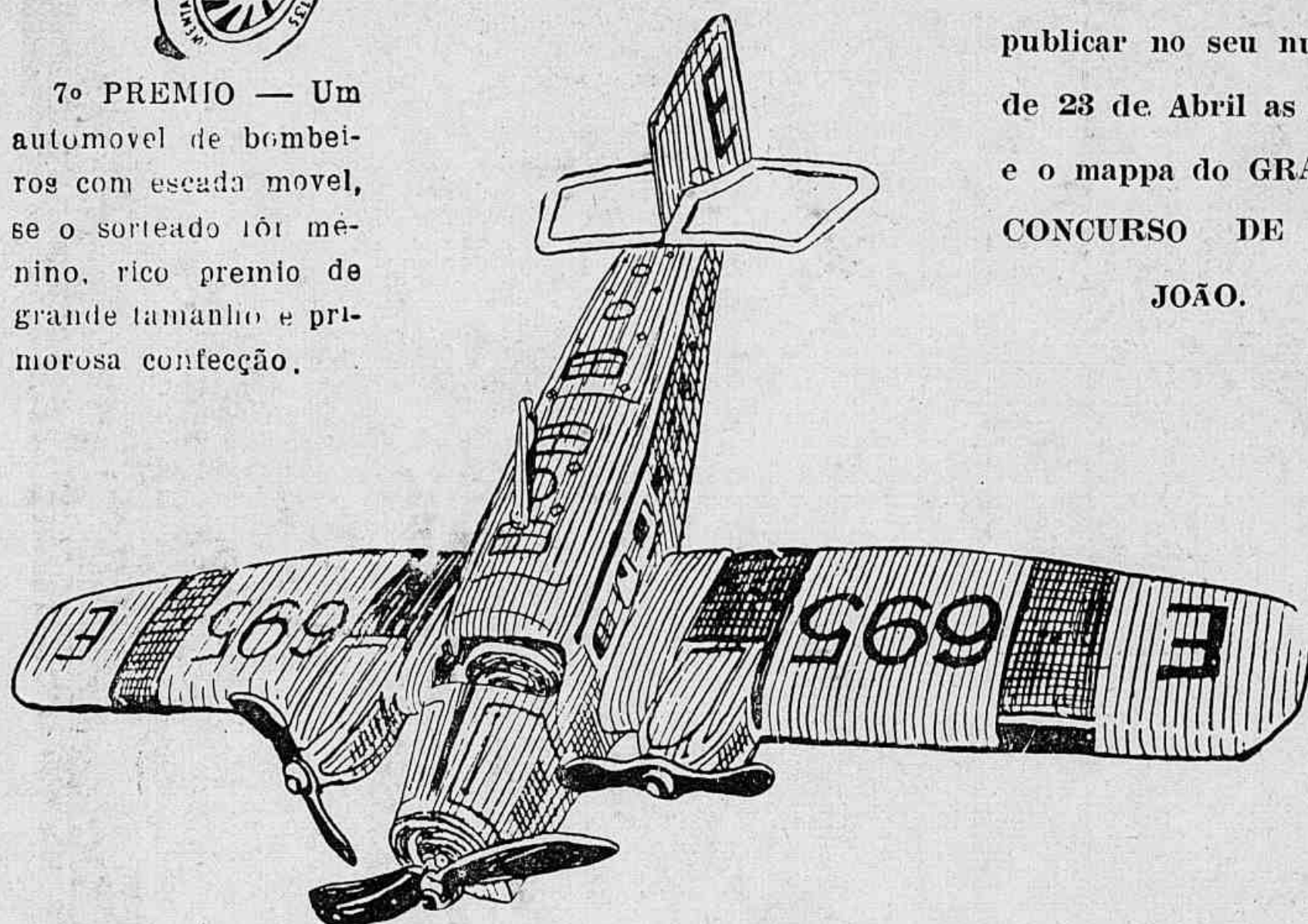
"Gypsy Love Song", argumento de Konrad Bercovici, será o proximo film da Universal, com Lupe Velez e John Boles.

GRANDE CONCURSO DE SÃO JOÃO D'"O TICO-TICO"

50 riquissimos premios

O TICO-TICO começou a publicar no seu numero de 23 de Abril as bases e o mappa do GRANDE CONCURSO DE SÃO JOÃO.

9º PREMIO — Uma machina de costura, se o sorteado fôr menina. A machina de costura coze, de verdade, e é um brinde que encherá de viva alegria a sua feliz possuidora.

7º PREMIO — Um automovel de bombeiros com escada movel, se o sorteado fôr menino, rico premio de grande tamanho e primorosa confecção.

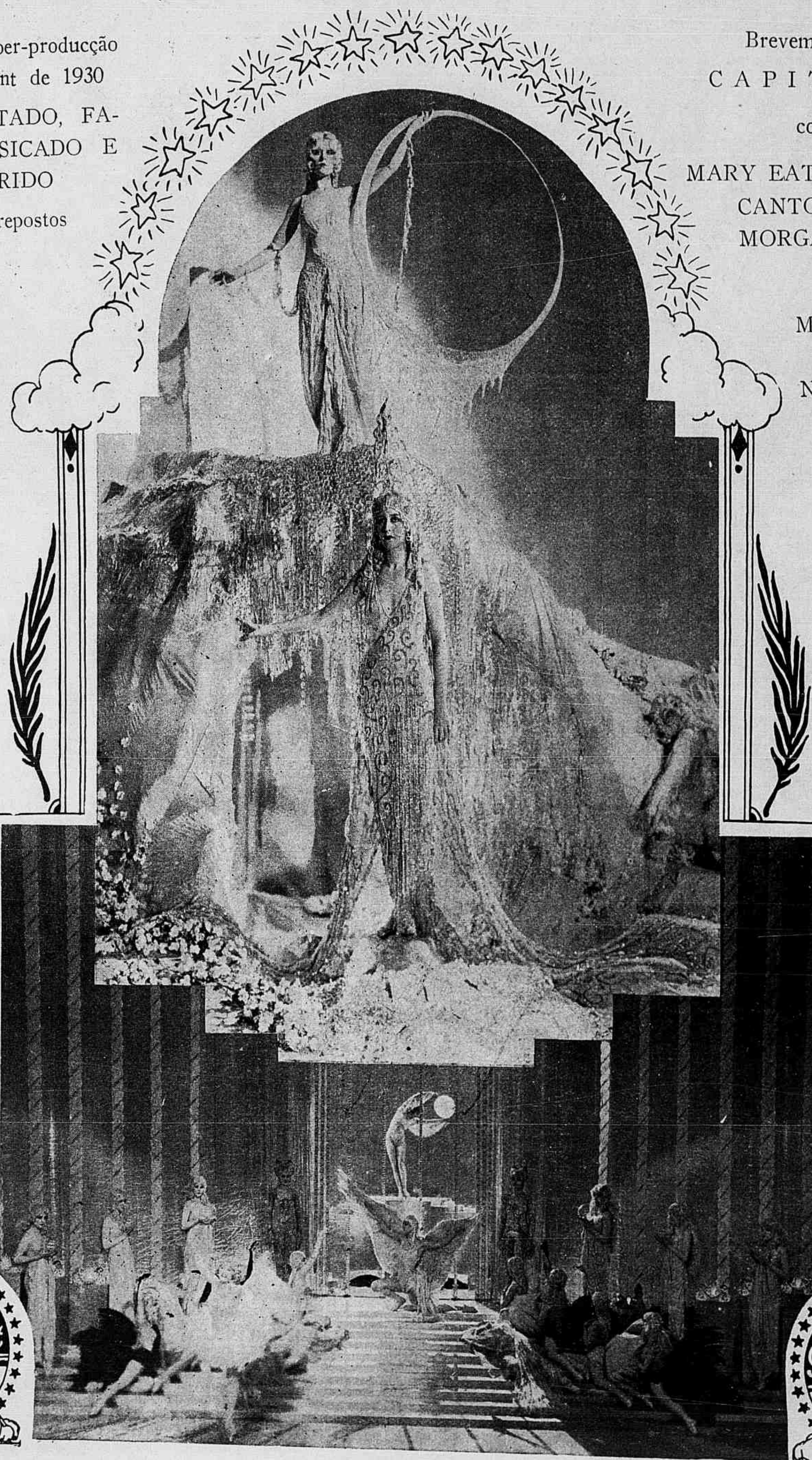
9º PREMIO — Um rico automovel, se o sorteado fôr menino. O lindo brinquedo, que é o automovel do 9º premio, é de grande valor.

8º PREMIO — Um aeroplano, com triplice helice, lampadas, etc., se o sorteado fôr menino. O aeroplano que constitue o 8º premio, é um brinquedo moderno, e qualquer menino nelle encontrará encanto.

10º PREMIO — Um sid-car, se o sorteado fôr menino. Este premio é de brilhante effeito e de grande engenhosidade.

10º PREMIO — Um estojo com apparelho de café para menina. Além de ser de grande valor, este premio é de real utilidade.

7º — PREMIO — Um fogão com bateria de cozinha completa, se o sorteado fôr menina. Este premio, pelo seu valor e primorosa confecção, será um dos mais cobiçados pela petizada.

8º PREMIO — Um armario de cozinha, com bateria completa, se o sorteado fôr menina. Este premio, de lindo aspecto e real valor, é digno de ser admirado.

PROGRAMMA SERRADOR
Numero 4
DOIS HOMENS E UMA MULHER
TIFFANY TONE
FILM PROGRAMMA SERRADOR C.B.C. FALLADO
Uma PRODUCÇÃO SONORA,
CANTADA e em parte FALADA —
da *Tiffany Stahl*
O drama de UMA MULHER que deu o seu amor a DOIS HOMENS... mas o seu coração apenas a um delles!
Tinha MENTIRA nos labios
VERDADE no coração
TORMENTO na alma !
E a moral estava no sacrificio que fazia pelo seu grande amor.
ALMA BENNETT
é a "MULHER" — e os DOIS HOMENS são — WILLIAM COLLIER JR. — e EDDIE GRIBBON
Segunda-feira --- 2 de Junho, no ODEON
Companhia Brasil Cinematographica
(Rio de Janeiro)
Sociedade Anonyma Empreza Serrador
(São Paulo)
LEVY

ESTAS PEQUENAS APPARECEM NO FILM "O BEM AMADO". SIM, MUITO INTERESSANTES...

OS nossos vizinhos do Sul, os filhos da pequena Republica do Uruguay, podem dar-nos com vantagem lições em materia de ensino. A machina educacional desde muitos annos vem sendo apparelhada de conformidade com os mais modernos processos pedagogicos, de sorte a tornar o pequeno e progressista paiz um verdadeiro modelo na America do Sul. Tambem por isso mesmo é o que as estatisticas revelam de todos o menos assolado pela praga do analphabetismo.

M. Rinsa, Delegado do Uruguay ao Instituto Internacional de Agricultura fez-nos conhecer como no Uruguay vem sendo utilizado o cinematographo para o fim de educar as populações ruraes em materia de agricultura e pecuaria.

A Direcção da Agricultura no Uruguay possue uma serie de apparelhos ambulantes que percorrem o paiz ensinando aos lavradores e criadores os mais modernos processos scientificos de sorte a melhorar os seus productos.

Sendo como é o cinema cousa quasi desconhecida nos meios campesinos, diz o relatorio da Direcção da Agricultura, constitue sempre um successo a sua chegada a qualquer ponto do interior do paiz e as populações ruraes accorrem ás exhibições, que para ellas são além do mais uma distracção magnifica. Diffundindo a educação technico-agricola desempenha por essa forma o cinema uma alta missão educadora.

Os agronomos regionaes e todos quanto têm podido verificar os effeitos, na realidade extraordinarios, obtidos por meio dessas visitas periodicas dos apparelhos ambulantes de exhibição de films affirmam que utilizados outros meios que não o cinema seria necessario o prazo de um anno e mais para inculcar nas massas ruraes os conhecimentos que ellas por meio do film assimilam em cinco ou seis dias.

E não são só os films de materia relativa a agricultura os exhibidos nesses meios atrazados: de combinação com a Directoria de Hygiene ao lado das licções de agricultura outras são dadas, por meio de films seleccionados, sobre a prophylaxia das molestias que mais affligem as classes ruraes. As projecções se realizam sempre que possivel nos edificios escolares, com a cooperação dos professores, que por meio de seus alumnos fazem nos lares a mais intensa das propagandas para que todos busquem ver *os films do governo*.

ANNO V
NUM. 221
21
DE
MAIO
DE
1930

Os resultados até aqui obtidos vêm sendo tão animadores que um novo grupo ambulante acaba de ser organizado para levar os ensinamentos aos mais arredados departamentos.

Esse serviço foi estabelecido ha menos de tres annos.

Grupos electrogeneos autonomos installados em caminhões, automoveis, percorrem todo o paiz espalhando as luzes do saber e augmentando o valor economico do c a m p o n i o das cochillas orientaes.

O equipamento de cinco grupos de ensino cinematographico ambulante, completados pela radiophonia está levantando sensivelmente o nivel das massas ruraes da pequena republica platina, e demonstrando como são encarados esses problemas por parte de seus governos sabios e bem orientados. Entre nós... E' melhor que façamos ponto. O nosso Ministerio da Agricultura é uma cousa seria.

propensão innata ao Cinema. Peor seria se tivessemos grandes Studios, muito dinheiro, todos os machinismos e não soubessemos fazer Cinema, como 90% dos directores europeus... Este tem sido o segredo do successo dos films americanos, alliado á propaganda. Muitos dos nossos films já demonstram comprehensão de Cinema. Não são melhores, não é porque não tenhamos muitos recursos. E' porque estamos no outro extremo. Não temos tido recurso algum. Ultimamente e que estamos sendo melhor apparelhados, mas nenhum dos nossos films estiveram na proporção das nossas possibilidades de Cinema. Não representam o que já podemos fazer. E com films silenciosos, nós iriamos longe, apesar dos movimentos mais serios terem começados muito tarde. Não fariamos films como *Ben Hur* ou *Rei dos Reis*, mas outros bem apresentaveis, visiveis, bem acabados, nossos muito nossos e que nos tocariam muito ao nosso sentimento. Agora chegou a epoca dos *talkies*. Não deixa de offerecer opportunidade para mais actividade. Mas tem os seus lados máus para a nossa producção. Não vamos discutir o valor intrinseco do verdadeiro Cinema. Das qualidades artisticas, mais originaes e mais verdadeiramente Cinematicas do silencio. Da verdadeira linguagem das imagens. Dos angulos e dos symbolos. Isto a maior parte do publico nunca comprehendeu. Apenas uma bôa continuidade lhe dava um bem estar ou uma emoção mais bem preparada, mas elle tambem nunca percebeu o motivo. E, por isso, não sentiu a falta de tudo isso quando as figuras começaram a falar. O Cinema falado tem os seus attractivos. E' outra coisa. Outro Cinema. Não é Cinema, nem theatro. Mas tambem interessa, diverte. São peças photographadas, porém, mais bem montadas, ao alcance de todas as platéas e talvez das bolsas. E' um passo do progresso. Não vamos discutir isso. O facto é que tambem temos de fazer os nossos films falar um pouco... Porque falando em brasileiro, teremos uma qualidade que nenhum outro film estrangeiro terá. Não tão rapidamente porque ainda temos e por muito tempo ainda teremos muitas casas sem apparelhamentos, se bem que dez casas possam dar os lucros de um film, com melhor vontade dos contractos. Conforme. Dependendo de muita coisa. Mas temos que fazer com muita calma. O Cinema Brasileiro sempre foi muito differente de todos os outros. Não pela sua escola, nem pela sua technica. Apenas pelo ambiente e pelos recursos.

CLEO DE VERBERENA, DIRECTORA E ESTRELLA DO FILM PAULISTA "O MYSTERIO DO DOMINO' PRETO" DA EPICA FILM

PAULO MORANO, ENTRE AMIGOS E FIGURAS DO NOSSO CINEMA QUE FORAM A SUA CASA COMPRIMENTAL-O NO DIA DO SEU ANNIVERSARIO. AO SEU LADO VEEM-SE, SUA IRMÃ E DIDI VIANA.

As scenas mais simples, são, em geral, as mais artisticas. O Cinema, afinal, é a cousa mais simples deste mundo. Carlito já disse, mesmo, que a arte é a simplicidade. O Cinema é tão simples que a gente fica admirado de encontrar quem ainda não o comprehenda. Uns procuram complical-o e outros... não entendel-o. Estes são os que, em geral, dão opiniões sobre o Cinema Brasileiro, descobrindo mil defeitos e impecilhos, resumindo que elle é absolutamente impraticavel, phrase tão velha como a do "nosso paiz que está a beira do abysmo".

Cinema depende apenas de um cerebro que conheça a sua linguagem. E' o director. E conhecendo, faz-se um film com facilidade e simplicidade. Muitos directores têm Studios, dinheiro, machinas e todos os recursos emfim, e conseguem, apenas, um film soffrivel, como Michael Curtiz. Outros, com um film de linha, pequeno, fazem muito mais Cinema. E com muito mais bilheteria. Não precisam mais do que uma machina e alguns bonecos. O director só no collocar a machina ou os bonecos conta a sua historia, faz Cinema. Isto tem que ser aqui, nos Estados Unidos ou na China. E a direcção não tem regras. E' sentimento, é arte, habilidade, dom de um homem.

E' inutil buscar regras para Cinema, na Algebra ou na Grammatica. Apenas para um estudo interessante e para mostrar que o Cinema, na sua simplicidade se liga á qualquer manifestação artistica, scientifica, industrial ou seja lá a que fôr. No Brasil já temos gente com bastante conhecimento da linguagem Cinematographica. Com esta

Temos que fazer os nossos "falados", dentro do nosso ambiente Cinematographico e dos recursos do nosso mercado. A melhor orientação será fazer um film com uma ou duas sequencias faladas, apenas. E

explicaremos porque. O assumpto é vasto e delle volveremos a tratar no nosso proximo numero. Ha muita coisa a dizer sobre Cinema falado no Brasil e estas nossas considerações são preliminares. O Cinema poderá ser cantado, silencioso, mudo, falado, colorido ou sonóro, mas tudo depende de conhecer Cinema, conhecer a sua linguagem... Agora mais do que nunca. Hollywood já recebeu esta licção.

DIDI VIANA

Afim de regularisar o novo contracto que prende Didi Viana á *Cinédia*, esteve alguns dias entre nós o Sr. João de Campos Viana convidado por esta companhia, seu pae, que reside, actualmente, com sua distincta familia, em Araçatuba, cidade do Estado de São Paulo.

Didi Viana, como sabem os *fans*, é a estrella de *O Preço de um Prazer*, o segundo film da *Cinédia* que tem a direcção de Adhemar Gonzaga. O elenco deste film, além de ter o nome de Tamar Moema, apresenta Decio Murillo, um novo elemento, que será o galã do film.

Além disso, num dos principaes papeis de *Labios sem Beijos*, que já está bem adiantado, Didi Viana irá colher mais louros para a sua carreira e apresentar-se-á ao publico que já a distingue com sua estima. Como é sabido, Lelita Rosa é a estrella desse film. E Paulo Morano, Julio Danilo e Gina Cavalliere são os seus demais componentes. A direcção é de Humberto Mauro. São, assim, dois os films que têm o nome de Didi Viana incluido no seu elenco e, por certo, em ambos terá ella papeis que a fixem para sempre na lembrança de todos afficionados do Cinema.

ARTISTAS PARA OS FILMS BRASILEIROS

O problema de artistas, no Cinema Brasileiro, é um dos mais serios. E' certo que o numero dos que já formam, é grande e valioso. Mas o que mais falta, até agora, é, justamente, o grupo dos que queiram ter papeis menores. Papeis simples e ligeiros. E que, assim, subam degráu a degráu a escada do successo. Porque só pensar em ter um papel principal, num film, quando tão notaveis são, ás vezes, os papeis curtos e ligeiros? Assim, pois, os que se quizerem candidatar ao Cinema Brasileiro enviem os seus nomes e os seus endereços, em carta, para esta redacção e, na primeira opportunidade, serão chamados para enfrentar a objectiva do successo.

≈ ≈ ≈ ≈ ≈ ≈

A versão hespanhóla do ultimo film de Buster Keaton, reune as irmãs Torres, Rachel e Renée, no elenco. Rachel faz o papel que Anita Page tem na versão ingleza.

≈

Buck Jones vae fazer uma serie de 18 "talkies" para a Columbia. O primeiro, já iniciado, tem a direcção de Louis King.

≈

George Arliss, para continuar a trabalhar para a Warner e para o Cinema falado, desistiu de excellentes contractos que tinha, para a Inglaterra e para os Estados Unidos, para figurar em differentes peças theatraes.

A PRIMEIRA PHOTOGRAPHIA DE MAZYL JUREMA, ESTRELLA DE "NO SCENARIO DA VIDA", PRODUCÇÃO DA LIBERDADE FILM DE RECIFE QUE ESTA' SOB A DIRECÇÃO DE LUIZ MARANHÃO. MAZYL E' UM DOS MELHORES TYPOS ENTRE OS QUE TEM APPARECIDO NOS FILMS PERNAMBUCANO.

DURANTE A FILMAGEM DO FILM "O PREÇO DE UM PRAZER", DA CINÉDIA: DECIO MURILLO, GINA CAVALLIERE, PAULO MORANO E "DIDI VIANA", RAUL SCHNOOR. OS DOIS ULTIMOS APENAS ASSISTIRAM OS TRABALHOS

"Paramount on Parade", recentemente exhibido, constituiu um formidavel exito para Mizzi Green, a pequena que figura no mesmo.

≈

John S. Robertson, actualmente fazendo um "super" film para a Pathé de accordo com a Universal, reformou seu contracto com esta, por mais um longo prazo e em condições excepcionaes.

≈

Victor L. Schertzinger deixou a Paramount. Já tem assignado, um outro contracto grande. Não se sabe, ainda, com que fabrica.

≈

O proximo film de Ernst Lubitsch terá Dennie King como principal figura do elenco.

O proximo film de Ernst Lubitsch terá Dennis King ner, terá Lloyd Hughes num dos principaes papeis. E', assim, o seu segundo papel de importancia em films da Warner. O primeiro foi ao lado de John Barrymore em "Mobby Dick", fazendo o papel de seu irmão. Ou, melhor explicado, "A Féra do Mar", na sua versão falada.

≈

Jean de Limur, em França, completou "Mon Gosse de Pere", com Adolpho Menjou, que, aliás, já se acha novamente em Hollywood.

Lelita Rosa e Paulo Morano em "Labios sem Beijos".

O primeiro beijo de

(*DE OCTAVIO MENDES*)

...e ella cahiu nos braços de Paulo.

Elle a apertou ao encontro do seu peito. Olharam-se. Ambos estavam myopes... O ambiente. O céo. Os seus corações moços. Tudo collaborava!

Ella estava melhor do que nunca. E elle, bem que sentia...

Depois approximou-se. Mais. Mais ainda... Até que se unissem os labios.

Já repararam que o brasileiro beija differente? O norte-americano estylisa. O francez, exaggera. O allemão, estraga. O brasileiro... E' completamente differente!

O beijo que Paulo Morano deu em Lelita Rosa, foi dessas cousas de botar um sujeito maluco...

Foi o primeiro beijo de Lelita Rosa. O film chama-se "Labios sem Beijos"...

Mas por isso mesmo. E', justamente, o "segredo" do titulo...

Mas foi, tambem, o seu primeiro beijo diante de uma objectiva. Já tiveram o desplante de a chamar até de vazinho japonez. Eu a acho apenas admiravel. Lelita Rosa não é Myrna Loy do Brasil. Myrna Loy é secca. Feia. Exquisita apenas porque os poetas acham... Lelita Rosa é exquisita. Mas exquisita, porque a gente não comprehende, mesmo, nem que queira, porque é que Deus não tem pena da gente e manda tentações assim...

Nos seus films, ainda não fôra beijada. Em "Barro Humano", tambem não a beijaram. Guardavam a delicia dos seus labios de mel. Mel? Não! Brazas vivas... Talvez fel... Para o Paulo Morano. E elle sabe beijar. Mas haverá alguem que não saiba quando os labios forem iguaes aos de Lelita Rosa?...

E' uma scena de paixão. As scenas de amor, são de Ramon Dorothy Janis. Scenas de paixão são as de Lelita Rosa e Paulo Morano.

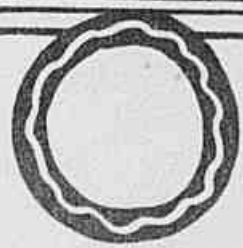
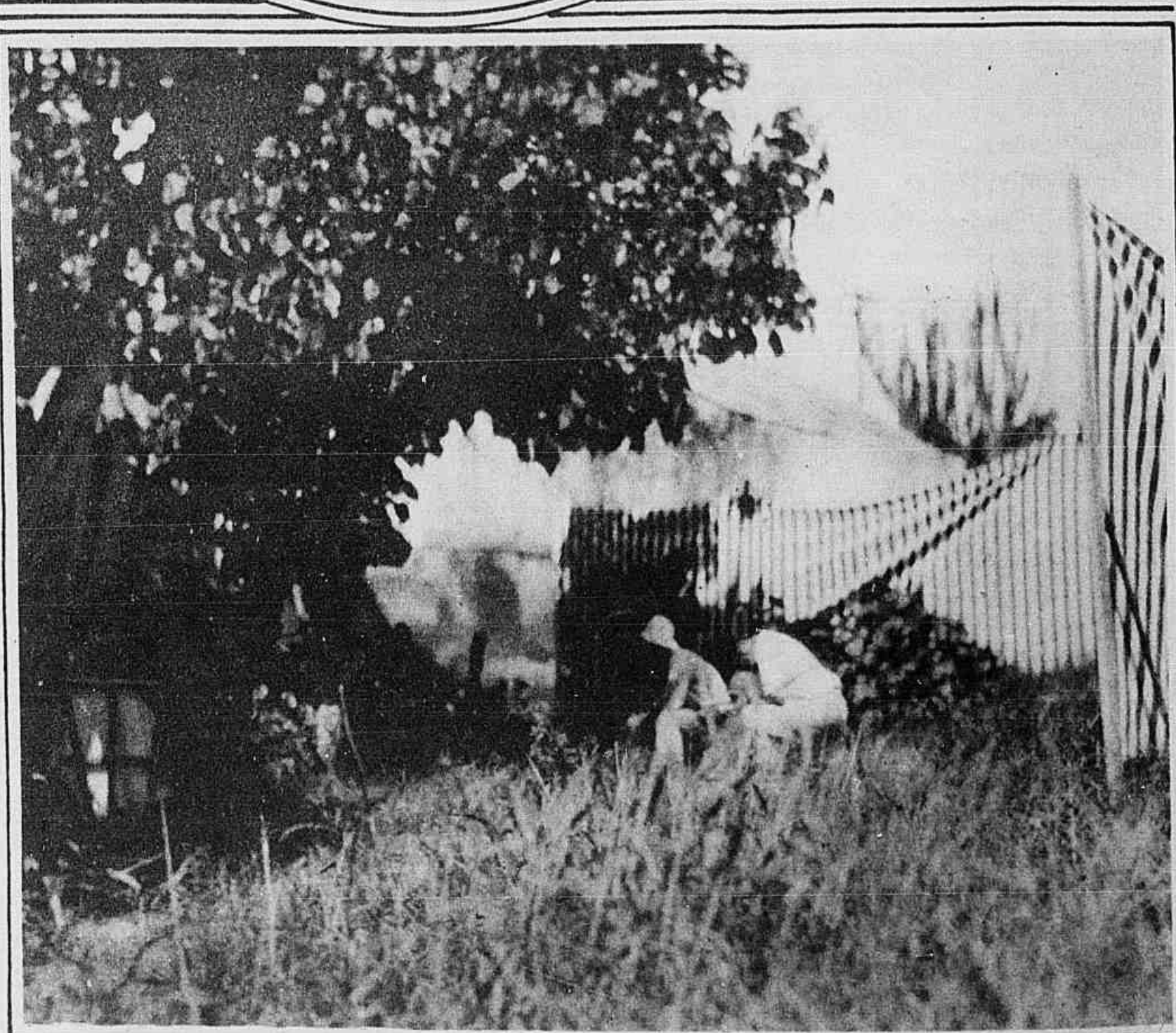
Elles viveram aquelles idylios, como se fossem, mesmo, Paulo e Lelita. Namorados. Elle ousado e folgazão. Ella extravagante e moderna. Sentiram, no bater apressado dos seus corações, toda a corporificação daquella scena.

Eu vi os dois primeiros films de Lelita. Ella tem mudado muito... Geralmente o artista peora de film. Lelita tem melhorado... Como ella está bôa!

Na vespera, quando me convidaram, havia um cartaz que recommendava.

— Não tragam inflammaveis e nem collarinhos de celluloide!!!

Obedeci.

De facto. Sabio conselho. Com uma pequena differença...

E' que não sabem que o mais inflamavel dos inflamaveis é o proprio coração da gente...

Todos que ali estavam sentiam-se irrequietos... A atmosphera parecia auxiliar. O dia estava bellissimo. No fim da scena, ao grito de "corta", viram-se dois grupos. Um, que colhia margaridas e esparzia as petalas pelo chão e outro que brincava de esconde-esconde... Houve maluquice geral.

E, assim, ao cabo de diversas horas de trabalho, haviam-se filmado as scenas mais deliciosas do film. Que, todo elle, é um mixto de humorismo, sentimento, poesia e... beijos brasileiros...

* * * Tive a felicidade de me plantar bem atraz dos idyllios, com especial consentimento do Humberto. A minha observação, por aqui e por ali, colhia detalhes.

Duas cousas impressionaram-me especialmente. A perfeita noção que Lelita tem de representação Cinematographica. E a direcção de Humberto Mauro.

Eu ainda não o havia apreciado em acção. Foi uma sensação nova para mim. Verdade é que os seus dois artistas são expontaneos e sinceros. Quer Lelita, quer Paulo, têm, acima de tudo, uma grande força de vontade e um grande desejo de vencer! São verdadeiras creanças ás suas ordens sensatas e cuidadas. E, eu, firme no meu posto, apreciava Humberto Mauro.

Pelo cerebro, em instantes, passou-me a sarabanda de lembranças. "Thezouro Perdido", que eu vi em São Paulo. No Royal. Num

Durante a filmagem.

BILLIE DOVE

Cinearte

carol
Lombard

Cinearte

JOHNNY MACK BROWN

M.G.M.

Cinearte

GWEN LEE
Cinearte

terça-feira de Carnaval. Depois, "Braza Dormida". Depois "Sangue Mineiro". Não vi "Na primavera da vida".

Agora estava diante do seu quinto trabalho directorial. Era justo que o observasse, particularmente. "Labios sem Beijos" vae causar surpresa. Não porque seja uma producção "formidavel". E nem porque seja superior a "Alta Trahição". Absolutamente! A sua principal qualidade, até, é ser um film simples e despretencioso. Apenas feito para agradar e tocar de perto o coração dos brasileiros...

"Labios sem Beijos" vae causar surpresa, porque vae revelar um Humberto Mauro de casaca. Sim! Já houve gente que o chamou de director de matto. Mas, quem disse, não se lembrava, com certeza, de que elle films assim fazia, porque eram aquelles que lhe falavam ao coração.

Gonzaga, agora, deu-lhe uma historia moderna. Atirou-lhe, diante do megaphone, Lelita Rosa, vestidos collados ao corpo. Olhares e attitudes de menina moderna e levada. E Paulo Morano. Atrevido. Mais moderno e ligeiro do

Filmando o primeiro beijo...

Lelita Rosa...

que uma chronica de Alvaro Moreyra... E elle, agora, vae mostrar que tambem sabe fazer idyllios modernos. Scenas modernas. Tudo moderno! Um dia elle me disse, sincero, que o principal era saber Cinema. E

(*Termina no fim do numero*)

.O Que se Exhibe no Rio.

Antonio Moreno em "Romance do Rio Grande"...

PALACIO THEATRO

ROMANCE DO RIO GRANDE — (Romance of Rio Grande) — Fox — Producção de 1930.

Antonio Moreno, Mary Duncan, Warner Baxter, a argentina Mona Maris e outros num film agradavel passada na chamada velha California com phrases hespanholas etc., tentando repetir o successo de "In Old Arizona" nos Estados Unidos.

Cotação: 6 pontos.

ODEON

A ILHA DOS NAVIOS PERDIDOS — (The Isle of Lost Ships) — First National.

E' inferior a outra edição da "Selva dos navios perdidos" com Milton Sills e Anna Nilsson. E perdeu muito porque é uma edição "muda" de um film falado.

Desta vez Virginia Valli, Jason Robards e Noah Beery são os principaes.

Cotação: 5 pontos.

IMPERIO

O PODEROSO — (The Mighty) — Paramount.

Como film falado, bom. Inferior a *Laughing Lady*. Mais uma historia de *underworld*. George Bancroft passa de bandido a policia. As scenas de guerra não convencem. Morgan Farley é o peor do film. Raymond Hatton vae excellentemente. Warner Oland o eterno villão de series. Esther Ralston sem opportunidade alguma. A scena do ataque a casa de O. P. Heggie é muito falsa. Para quem viu *Paixão e Sangue*, não tem o menor interesse. Direcção fraca de John Cromwell. Os detalhes, agora, são sonoros tambem...

Cotação: 6 pontos.

ODEON

A GUARDA NEGRA — (The Black Watch) — Fox — Producção de 1930.

Um film com a India e todos os seus matadores. Victor Mc Laglen é um cavalheiro inglez, heroico e valente, que tudo sacrifica pela patria. O final é infeliz. Myrna Loy é a Yasmine, flor das Indias que se apaixonou pelo Vic. Mas vocês acreditam que ella se apaixonasse por elle?... Ha brigas. Lutas religiosas. Pancadaria. Guerra européa. Soldados inglezes. E, no fim, glorificação do heroe... John Ford dirigiu. Não é seu genero. Esta versão que vimos é muda. A musica é boa, embora cacete.

Cotação: 6 pontos.

GLORIA

NO OESTE DE ZANZIBAR — (West of Zanzibar) — M. G. M.

Lon Chaney mais repugnante e mais defeituoso do que todos os outros seus films, juntos. Mary Nolan e Warner Baxter, salvam o film. E' uma historia impressionante e impropria para o Juquinha e para a Lili. Tod Browning mais uma vez ao megaphone. Lionel Barrymore apparece...

Cotação: 1 ponto.

PATHÉ PALACIO

SCENA FINAL — (The Last Performance) — Universal.

Um principio que revela scenas admiravelmente bem descriptas em forma Cinematographica. E um final que não convence. O que estraga o film é a interpretação exaggerada de Conrad Veidt. Mary Philbin, sempre sem sal. Bonita, mas só. Fred Mac Kaye, um galã razoavel. Leslie Fenton é o melhor do elenco. A direcção de Paul Fejos preoccupase particularmente com a "camera" e esquece-se um pouco da historia... Magias negras e aquella mala mysteriosa que ninguem mais acredita...

Cotação: 6 pontos.

A ULTIMA CANÇÃO — (Singing Fool) — Warner Bros. (Programma Matarazzo).

Al Jolson canta bem. O film é melhor do que *Cantor do Jazz*. Mas é mais um film de canções. Com o principio apenas Cinematographico. E com o restante absolutamente falso e cheio de exaggeros de effeito. A canção *Sonny Boy*, thema do film, é bôa. E Davey Lee é um pequeno bem interessante. Josephine Dunn, linda. Betty Bronson, sem sal algum. Al Jolson é mais feito do que Lon Chaney e peor artista do que Percy Marmont.

Cotação: 6 pontos.

CAPITOLIO

RAPSODIA HUNGARA — (Hungarische Rhapsodie) — Ufa.

Hans Schwarz, na Ufa, é um dos principaes directores. Este seu film é bom. Falta-lhe, apenas, mais romance e mais acção. E' muito lento em certas occasiões e muito demorado em certos detalhes. Como aquelle inexperado formar de tropas para o general passar em revista. E aquella festa naquelle bar, que precede á revista das tropas. Willy Fritsch e Lil Dagover, têm scenas quentes. Lil, particularmente, tem scenas admiraveis. Dita Parlo é uma ingenua admiravel. O violinista é peor do que um film inglez... Tem bellos apanhados de machina e uma direcção acceitavel. A musica é estupenda.

Cotação: 6 pontos.

⊞ Passaram em "reprise" os films "Sangue e Areia", "Azas" e "Rei dos Reis".

ELDORADO

FLOR DO LODO — (Tenderloin) — Warner Bros. — (Programma Matarazzo).

Michael Curtiz já se sabe que é máu director. O film foi dirigido por elle... Tem alguns bons effeitos de "camera". Mas, em geral, é uma fraquissima historia de *underworld*. Mitchell Lewis é o chefe da "gang". Conrad Nagel um gatuno elegante e de melhor coração do que um policia irlandez... E Dolores Costello, pobrezinha, tão bonita mas tão largada em films assim fracos...

George Stone é o melhor do film.

Cotação: 5 pontos.

PATHÉ

ROSA DO OUTOMNO — (Sporting Age) — Columbia — Programma Matarazzo).

Belle Bennett, apaixonando-se por Carroll Nye e o pobre marido cégo... A direcção de Erle C. Kenton é que torna o film bastante agradavel. Josephine Borio enche de "it" o film que só tem gente sem sal... Belle Bennett exaggera um pedaço, mas, em geral, agrada. Só é que ninguem se convence de que ella ainda seja capaz de attrahir um moço... Serve para uma hora de passa tempo...

Cotação: 5 pontos.

⊞ Foi exhibido em "reprise" o film "A dama da mascara" (The Masked Woman) com Anna Nilsson e Ruth Roland.

IRIS

AUDAZ POR AMOR — (Lightning Speed) Radio Pic. — (Prog. Matarazzo).

Apenas mais um film de Bob Steele. Para os apreciadores dos films "far-west".

Cotação: 4 pontos.

A RODA DA FORTUNA — (The Wheel of Chance) — First National.

Mas um film de dupla individualidade. Póde ser visto. Richard Barthelmess, vae bem, mas a melhor do elenco é Margaret Livingston.

Cotação: 6 pontos.

PALAIS DE DANSE — (Palais de Danse) — British International (Gaumont).

Uma fita que tem excellente movimentação de machina. Mas a representação é fraca e o argumento peor ainda. Explora um palais de dansarinas de aluguel. Maud Pulton, feiazinha, é a principal. Vale pela photographia e pela movimentação de camera. Maurice Elvey dirigiu.

Cotação: 4 pontos.

VICIO QUE MATA — (The Pace That Kills) — Willis Kent — Prog. (E. D. E.).

Um film fraco com Virginia Roye e Owen Gorin. Trata dos vicios, mas o peor sem duvida é fazer films como este.

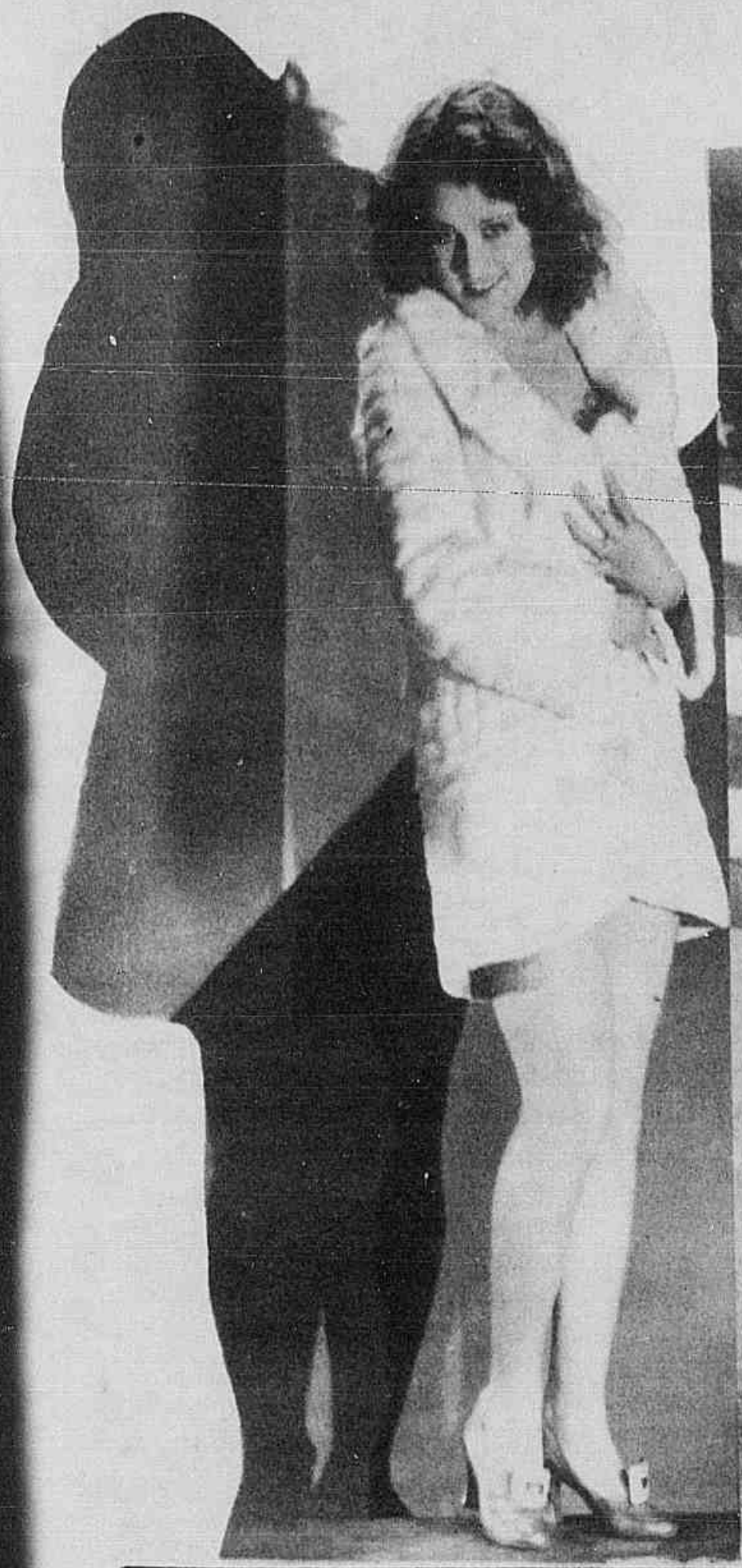
Cotação: 4 pontos.

OUTROS CINEMAS

A NOIVA DO DESERTO — (Bride of The Desert) — Rayart Pict.

Um film fraco, com Alice Calhoun e Le Roy Mason.

Cotação: 4 pontos.

Lillian Roth

NÓS TODOS GOSTAMOS DE VOCÊ...

A NAMORADA DE LUPINO LANE EM "ALVORADA DO AMOR"

N. L. CRUZ (S. Paulo) — Interessante a sua carta. Mas é que são tantas deste genero que é impossivel publicar. Vou, entretanto, entregal-a ao encarregado da "Pagina dos Leitores". Agradeço os recortes.

LYRIO PARTIDO (P. Quatro) — Mude a vontade, seu João Torá! Vae bem, obrigado. E progredindo cada vez mais... A sua tristeza não tem razão alguma de ser. Torne a revirar que encontra. Maximo Serrano não está substituindo. Está operando. Sim, Gina é um colosso.

Eu já tambem tenho feito força. 17 filhos?... Safa! pois olhe. Enganou-se. Tenho 19 e 23 netos...

ZILDA FETTER (Pelotas) — Entreguei em mãos. Elle ficou satisfeito! Aqui vão os que pede. 1° — Radio Pictures Studio, Gower Street, Hollywood, California. 2° — Aos cuidados desta redação. 3° — Deixou o Cinema.

DONALD FAY (Alfenas) — Infelizmente o seu desejo não se realizará... Mas aguarde! Teremos novidades e grandes... Conheço Didi Viana. Mas "Clarinha de Ipaussú", palavra, não sei quem seja... Escreva-lhe para *Cinédia Studio*, rua Abilio, Rio de Janeiro.

RAMON BESSA (Recife) — A sua carta foi-me entregue. E' que preciso que envie suas photographias. Mas aqui é difficil, creia. Emfim...

EMILIA (Natal) — 1° Paramount Famous Lasky Studios, Hollywood, California. 2° — João Guimarães

RAIO DE LUAR (S. Thereza) — De facto, é impossivel. Creia, sou mais mysterioso do que mil Lon Chaney juntos... Aqui estão as suas respostas. 1° e 2° — Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, California. 3° — Paramount Famous Lasky Studios, Hollywood, California. 4° — United Artists Studios, 1041, Formosa Avenue, Hollywood, California.

RUY (Porto Alegre) — Sou velho, Ruy. Muito velho! Imagine que até reumathismo já tenho... E'. Não me escreva mais para lá. Para o *Cinédia Studio*, só cartas para artistas. As que vão para mim com aquelle endereço, são inutilisadas. Eu as recebo aqui, na redacção. Ella agora está de novo no theatro... Mande suas photographias. Mande as cartas aos cuidados da redacção.

MYSTÉRE (S. Paulo) — Oh, Mistére querida, ha quanto tempo! Então, a onde esteve?... Muito longe? Esquecer-me de você?... Que injustiça que faz ás minhas cãns... Como vae a moreninha da rua Bella Cintra?... O seu *stop* foi muito inopportuno... Saiba que ha muita gente esperando a sua collaboração! Escreva! Tenho a falta de espirito de lhe dizer que já estava saudoso... Gonzaga agradece e diz que está esperando novidades. "*só long*", Mystére... Não faça o seu *darling* esperar mais tanto tempo...

DÓRA (Ouro Fino) — Eu me chamo Operador. A sua carta foi-me entregue. Aqui estão as respostas. 1° — Fox Studios, 1.401, Western Avenue, Hollywood, California. 2° — First National Studios, Bur bank, California.

NICK O'BRIEN (Petropolis) — 1° — Ella entrou para o theatro... 2° — Exactamente e o film está quasi terminado. Devem terminal-o agora, dia 13. "Meu Primeiro Amor", sim. 3° — Envie, porque não! 4° — Perfeitamente, para *Cinédia Studio*, Rua Abilio, Rio de Janeiro.

JACK QUIMBY (Porto Alegre) — Então, Jack, como vae? Agradeço todos os teus commentarios. De facto, foi pena. Mas é possivel que elles reprisem, não é? Mande quando quizer que aqui estamos. Elle te agradece os elogios... Você não "sobra", não! Verá... Mas ainda ha uma serie de outras innovações que vão deslumbrar... Você já soube que ella agora está no theatro, não é?... Ella continúa na Universal. Ás vezes faz um film para a Tiffany. O Octavio é que toma nota dos teus endereços. Diz que já anda quasi maluco... Gosto muito de seus commentarios e opiniões. E' bom escrever á gerencia sobre o numero que fala. Bye, Jack!

NATAN VALIERE (Bello Jardim) — O Gonzaga entregou-me sua carta. Foi entregue. Foram recebidas. Serão dadas.

ARISTIDES VIANNA (Rio) — Recebi. Foram archivadas. Agora tenha paciencia e espere a sua opportunidade. Mudará em breve. Por emquanto é difficil. Mas se houver, será chamado. Leia bem a nota publicada. "Meu Primeiro Amor" Fica prompto no dia 13.

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA (Rio)— O Gonzaga entregou-me sua carta.

RITA LA ROY

Pergunte-me Outra

Charles Rogers, Richard Arlen e Gary Cooper, os tres galãs da Paramount e talvez os melhores do Cinema americano

Recebidas e archivadas. Aguarde opportunidade.

H. MOURA (P. do Sul) — Perfeitamente! Continue!

HUMBERTO O. BASTOS (Maceió) — O Gonzaga entregou-me sua carta. Ella não está mais no Cinema, mas póde escrever aos cuidados desta redacção.

SYLVIA ARAUJO (Campina Grande) — Apreciei suas opiniões. Se gosta delle e lhe quer escrever, faça-o para *Cinédia Studio*, rua Abilio, Rio de Janeiro Vera Film? Mas que correspondencia era a que tinha? Volte, Sylvia.

CONDE RENARD (Icarahy) — 1° — Aos cuidados desta redacção. 2° — Universal Studios, Universal City, California. 3° — "The Storm". 4° — Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, California. 5 — E' solteira. Mande photographias. E' o primeiro passo.

NANCY (Taubaté) — Acceito-a como netinha... Tec Art Studios, Hollywood, California. Não me zango, não.. Volte, Nancy.

REDY SERTANEJO (Jequié-Bahia) — Apreciei suas informações sobre o film do Lampeão. Mande os recortes. Aqui estão suas respostas. 1° — Não continuará. 2° — E' provavel. 3° — Tambem. 4° — Quando quizer.

UBIRAJARA (Nictheroy) — Recebi. Agradeço-lhe. Agora é só aguardar opportunidade.

ANTONIO (Natal) — Não sou da sua opinião. Foi um film que só serviu de descredito para ella. Veja-o de novo e preste mais attenção. Deixou, sim. Cotação 4 pontos. Por ahi ja vê...

FUTURAS ESTRÉAS

THE PHANTOM IN THE HOUSE (Continental) — Todo falado. Historia de crimes. Mas a fabrica é "Continental" Continental, em São Paulo, por exemplo, é companhia de salchichas, frios, presuntos, etc. Continental e marca de machina de escrever allemã... Continental... Ha um expresso, nos Estados Unidos que é Continental ou cousa parecida. O film tem Harry B. Walthall a apostar corrida de caretas com Nancy Welfood. Mas eu acho que os "fans" do mundo inteiro, sem excepção, jamais farão fé num film da "Continental"...

MAID TO ORDER (Jessie Weil) — Julian Eltinge. Lembram-se dos seus aureos tempos da Paramount? Dos seus "travestis" admiraveis? Mas o diabo ficou gordo e velho. Parece-se com uma matrona horrivel que eu conheci e que morreu de feiura... E, além disso, é um film horrivel, infame, e que põe o "fan" maluco e com vontade de sahir do Cinema dando ponta pés nas cadeiras e berros para todos os cantos... Safa!!!

*

Incendiou-se a formidavel casa de Harold Lloyd em Bervely Hills. Estavam jantando e tinham May Mac Avoy e Maurice Cleary como convidados de honra. Gloria, a filhinha de Harold e Mildred Davis, foi salva do seu quarto onde estava dormindo, muito socegada. Estimam-se os prejuizos em mais de 5.000 dollars. Se fosse perto de algum "set" que filmasse idyllios de Edmund Love e Dolores Del Rio, vá lá, mas Harold e Mildred... Não! Foi fogo natural!

Saudade.

A Russia vivia dias difficeis de sua politica interna. Nas cidades e nas aldeias agitavam-se idéas modernas em busca de idéas desconhecidos e incompativeis com as tradicções seculares dessa grande nação. Por toda a parte reinavam a desgraça e a miseria...

No sumptuoso palacete de um dos mais celebres generaes do tzar, o conde Nikolai, restavam, só, o velho cabo de guerra e a sua encantadora filha, unico alento da velhice em declinio.

Todos os creados já se tinham postos a salvo. Apenas o administrador do palacio, o joven Iwan Bogdanow, mantinha-se no seu posto até o ultimo momento. Quando a agitação popular já se approxima deste solar, Iwan consegue convencer seu velho patrão para que este não ponha em jogo a sua a vida e a de sua filha. Levando comsigo as joias da familia, os tres personagens refugiam-se, sahindo por uma porta dos fundos, emquanto pela da frente as massas populares já começam a invadir o palacio. Em Paris. Os exilados russos, que na sua majoria escolheram a capital franceza como refugio obrigatorio, costumam reunir-se em uma pensão, onde cultivam a saudade pela patria longinqua. Os que poderam levar comsigo algumas joias e outros objectos de valor, vivem ainda com relativo conforto. Mas os que não possuem estas preciosidades nem dinheiro, procuram ganhar o pão diario, trabalhando como garçons de hotel, como creados, etc. Assim, ha generaes e personagens de alta nobreza, que na patria occupavam postos de grande responsabilidade, fazendo agora serviços braçaes junto com individuos de antecedentes duvidosos.

O conde Nikolai poude manter-se, junto á sua filha, a bella e sympathica Lydia, dignamente em uma das pensões occupadas pelos fugitivos russos, graças ás joias que o fiel administrador conseguiu salvar. Emquanto o velho general vive retrahido, com immensa saudade da patria, a filha, cheia de vida e de mocidade, procura distrahir-se na cidade-luz.

O administrador Bogdanow installa-se modestamente em uma pequena hospedagem e aguarda ansiosamente o dia em que possa voltar á patria querida. Nada lhe interessa nesta grande capital, apesar dos esforços da pequena Jeanette, filha do proprietario da pensão, para conquistal-o. Bem no intimo elle guarda, porém, um grande e profundo amor pela sua joven patrôa.

O principe Bani, um joven insinuante de alta linhagem, é o banqueiro dos refugiados e a quem Lydia tambem confia a venda da maior parte de suas joias. Não tardou que o elegante se apaixonasse pela fascinante gran-duqueza.

Por occasião da estréa de um cabaret russo, o principe Rani apresenta a Lydia o banqueiro Grillot que tambem por ella se apaixona. O administrador Bogdanow, estando presente, não vê com bons olhos as cortezias que são dispensadas á sua patricia pelos dois insinuantes cavalheiros.

Desde esse encontro no cabaret, o banqueiro Grillot tornou-se um dos mais fervorosos admiradores de Lydia, mas esta sempre o recebe com indifferença. A pequena Jeanette, apaixonada por Iwan Bogdanow, conta-lhe as repetidas visitas que Grillot faz á Lydia

(*Termina no fim do numero*)

(HEIMWEH)

Direcção de GENNARO RIGHOLLI

Grão Duque Nikolai . . . . *Alexander Muralci*
Lydia, sua filha . . . . *Mady Christians*
Administrador . . . . *Wilheim Dieterle*
Principe Stanislaus . . . . *Livio Pavanelli*
Grillot . . . . *Joan Murat*
Madame Kamonskaja . . . . *Ida Wuest*
Madame Lorrain . . . . *Lydia Potechina*
Sua filha . . . . *Simone Vaudry*

CINEMA DE AMADORES

(DE SERGIO BARRETO FILHO)

Estas palavras são para os principiantes. Estará bem no espirito de todos os Cineamadores novatos, será bem comprehendida por todos a formidavel importancia que a objectiva de uma camara possue, em todos os ramos desse processo denominado Cinematographia, e que se destina a gravar uma serie de imagens animadas sobre uma fita de celluloide? Se o amador que nos lê escolhe as suas lentes, pela sua precisão e pela sua efficiencia, não procede como a maioria dos amadores. Porque na objectiva é que reside a parte essencial de toda e qualquer camara; e, assim sendo, se essa parte for bem estudada, bem comprehendida e bem empregada, é logico que os seus resultados praticos serão uma revelação para o amador. Estas palavras são, portanto, devotadas aos principiantes e servirão como uma especie de introducção para a comprehensão da utilidade das lentes e das suas respectivas funcções.

A definição de uma lente. Vejamos. A maioria dos Cineamadores entende por "lente" *o lado da camara onde fica aquelle tubo que se aponta para a scena*...

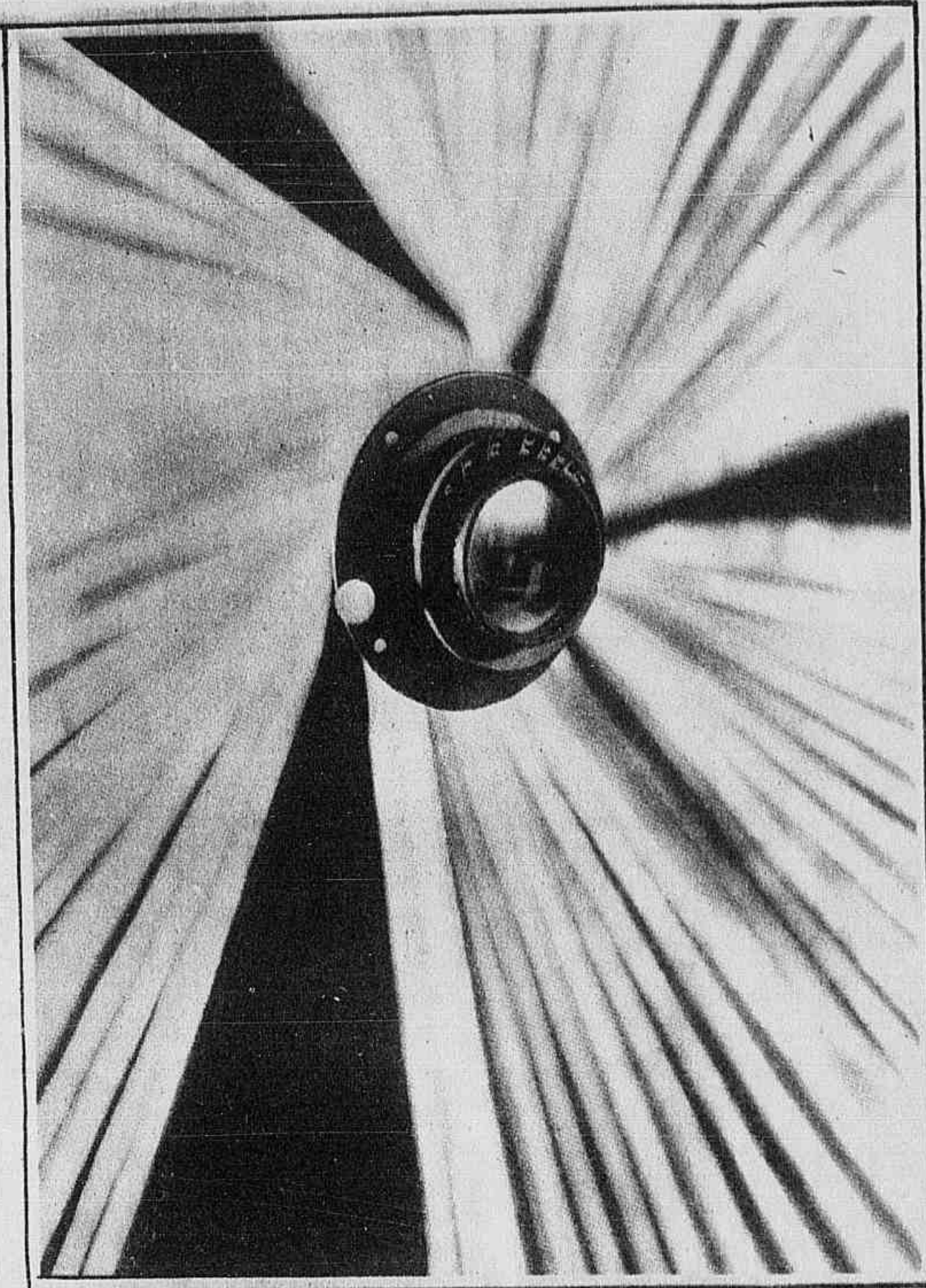
Mas a coisa não pára aqui. Outros pensam que "lente" é um pedaço de vidro de fórma redonda, collocado na frente da camara, e que reproduz, mais ou menos mysteriosamente, uma imagem — miniatura da scena, sobre a superficie do film.

Alguns amadores sabem que uma "lente" não é propriamente simples, como se diz em Physica, isto é, composta de um só elemento, mas quasi sempre formada por varios elementos, de vidro superior, polidos, tratados, e cuidadosamente soldados. Mas se alguns sabem disso, poucos, bem poucos conhecem a razão do phenomeno optico produzido pela lente, isto é, a reproducção da imagem. No entanto, esses é que serão aptos para comprehender todas as possibilidades de uma lente, e assim produzir resultados que serão apresentados na fórma de imagens claras, definidas, bem visiveis, ao envez desses "flous" tão desnecessarios, vistos á toda hora nas telas dos amadores.

O Cinema de Amadores já passou a época em que era bastante mostrar-se aos amigos *qualquer coisa se movendo na téla*... Hoje, para haver progresso, é preciso que o amador produza Cinema, naturalmente guardando as proporções com os trabalhos dos profissionaes. Ora, para executar um tal serviço, elle precisa contar, antes de mais nada, comsigo mesmo; e depois, com o conhecimento perfeito da *Camara*, que representa aqui o burel da sua arte.

Não se trata de assimilar um diluvio de termos technicos; não é preciso decifrar toda uma terminologia para que o amador seja contado entre o numero dos *Eleitos*... São bastantes um pouquinho de curiosidade, e um dedo de diligencia. Quanto ao resto, os factos são tão interessantes, que francamente se torna incomprehensivel isto de tão poucos cineamadores se dedicarem ao seu estudo.

Uma lente trabalha com o auxilio da luz, mas dessa luz *reflectida* pela superficie das pessôas ou das coisas sobre as quaes ella se esbate. Pergunta-se agora: como é que uma lente, quando collocada em frente desses raios luminosos, obriga-os a formarem uma imagem, em miniatura, da pessôa ou da coisa que os reflectiu? Para se comprehender isso, é preciso saber como a Luz se propaga.

Assim como as Ondas Sonoras e as Ondas Hertzianas, as Ondas Luminosas se propagam em fórma de circulos concentricos, ao derredór de um centro que é a sua fonte de nascimento. Tomando-se em conta a luz natural, essa fonte é para nós o Sol.

"A objectiva" — estudo photographico

O VALOR DE UMA LENTE

Quando a luz bate sobre qualquer objecto, ella é reflectida em maior ou menor grão; essa luz reflectida affecta a nossa vista, definindo, para nós, a fórma e as côres do objecto illuminado. Mas a luz tambem affecta a emulsão sensivel que cobre todo film cinematographico. Apenas o modo não é o mesmo. E' que a luz solar não é simples, como todos sabem, mas uma reunião de varios raios coloridos, os quaes, ao affectarem a emulsão, como foi dito acima, o fazem com maior ou menor intensidade, conforme a côr ou a tonalidade de côr que o feixe de raios toma, ao ser reflectido. Dahi, a necessidade de se recorrer aos methodos de selecção dessas côres, por meio dos filtros de luz, de modo que a cinematographia se assemelha o mais possivel ao que a vista percebe. Como o phenomeno é, porém, mais da ordem chimica do que physica, isto é, produzido pela emulsão e não pela lente, vamos deixal-o para retomar o estudo que iniciámos.

A luz é pois, em si, assim como o som e a electricidade, uma vibração, já que a sua actividade, conhecida como *o activismo*, é bastante para produzir uma reacção chimica sobre a emulsão que cobre a pellicula. Desse modo, a imagem é desenhada, gravada; e já que uma certa quantidade de *luz activa* se torna necessaria para que o film seja affectado em si, modificado, é claro que a lente precisa ser feita de modo que apanhe a maior quantidade possivel da luz reflectida pelo objecto, de modo que a imagem possa ser gravada sobre o film. E' essa a razão de só bôas lentes trabalharem com pouca luz, ou melhor, da necessidade que ha de se escolher a illuminação, tomando-se em conta a quantidade de luz que o objecto reflecte. Dois factores precisam ser bem pesados; a sensibilidade maior ou menor do film, e a efficiencia da lente, no acto de apanhar a luz reflectida.

Dissemos: uma lente trabalha. Vejamos agora como esse trabalho se produz: a reunião dos raios de luz, e a sua dispersão sobre a emulsão, na mesma ordem em que foram emittidos pelo objecto reflector. Um raio de luz passa atravez de ambientes de densidades variadas, taes como o ar, a agua, ou o vidro. Quando elle passa de um meio para outro cuja densidade differe da primeira, dá-se um pequeno desvio na sua direcção. E' o que se chama, então, *a Refracção*. Esse desvio póde, no entanto, ser determinado, obrigando-se o raio a seguir uma certa direcção, ao passar de um meio menos denso para outro mais denso. E' esse facto que serve de base ao emprego da lente como collectora de raios de luz, e como formadora de uma imagem — miniatura, reproducção do que a vista percebe.

A uma certa distancia da lente, na parte de traz, vae-se pois encontrar uma imagem do que á vista se apresenta. Mas qual a razão dessa imagem ser tão menor do que a pessôa ou a coisa em si? E' que a lente é preparada de modo a apanhar os raios de luz, e depois lançal-os na mesma direcção, a uma pequena distancia da parte posterior da objectiva. Devido a isso, o tamanho da imagem precisa estar numa proporção com o objecto, assim como a distancia que vae da lente ao film está para a distancia que vae da lente ao objecto. De tudo isso se deduz que, se houver uma lente que fórme uma imagem a uma distancia cada vez maior da parte posterior, essa imagem irá augmentando aos poucos de tamanho; é justamente essa condição que se realizou para as objectivas chamadas de *longo-fóco* ou *telephoto*, as quaes, como todos sabem, estão collocadas o mais afastadas do film, e formam uma imagem assaz desenvolvida do objecto.

Chegámos ao ponto de comprehender o que se chama *"o fóco"*. O fóco é a distancia que vae da lente á imagem. Porém, como essa imagem tem que ser gravada sobre a emulsão sensivel do film, torna-se da maxima importancia que a lente seja collocada num ponto tal que a imagem se fórme com a maior clareza e a mais perfeita definição. A imagem acha-se, portanto, *focalizada* sobre o film quando a lente se encontra a uma distancia do film em que todas as partes do objecto se definem o melhor possivel na imagem reproduzida sobre o film. A proporção que a distancia da lente ao objecto varia, a distancia da lente ao film tambem precisa variar, e como convem manter o film sempre bem estendido, durante as exposições, altera-se a posição da lente, em vez de se alterar a do film. E' isso o que se chama *focalizar*.

O fim da focalização é pois tornar cada ponto da imagem o mais definido, e ao mes-

(Termina no fim do numero)

O TYPO DO GALÃ DAS
ESTRELLAS QUE NÃO
QUEREM FILMS
ROUBADOS...
MAS NEIL HAMILTON
ACCEITA TODOS OS PAPEIS
COM MODESTIA E
TEM SIDO UM GATUNO
ADMIRAVEL...

Anita Page

Falla dos

A palavra de Anita Page. São seus os conselhos. Mandamentos da belleza... E quem não se quer fazer bella? Mesmo Zasu Pitts, esperando o seu Lupino Lane, não quer ter seu rosto rosado e macio para esperar aquelles labios feios e sympathicos?...

Todos nós temos um rosto. E' a dadiva mais preciosa da natureza. Muito embora, ás vezes, vingue-se a natureza de alguem e mande, para contrariar, um Bull Montana ou um George Ketsonaros...

Os rostos das pequenas é que vamos discutir aqui. Essas carinhas que botam a gente maluco! Esses palminhos de olhos e queixos e maçãs que dão vontade de morder e de beijar...

Anita Page, por certo, é uma dellas. A sua belleza é rara. E' por isto que é ella que vae falar. Sendo bella, tem por força os seus segredos de belleza. E, ouvil-os, é sempre interessante...

A começar pelo rosto, a opinião de Anita é a seguinte.

— Pó de arroz e rouge. Mas bem pouco. O sufficiente para empallidecer e, depois colorir levemente as maçãs do rosto. Não se deve maquillar o rosto. São absolutamente contra os ingredientes de maquillagem para uso habitual e costumeiro. Fóra das scenas em que figuro, é bem pouca a maquillagem que emprego.

Ella, note-se, está em Hollywood, se tanto, ha dois annos. Antes de vir, porém, empregava cosmeticos de maquillagem apenas em razão diminuta e apenas começou a empregal-os seis mezes antes de vir para Hollywood. E', sem duvida, um record difficilmente igualado por grande numero de pequenas de dezenove annos, que são os que ella tem. O resultado que ella obtem, com essa economia efficiente de cosmeticos, é o mais admiravel possivel para a pelle. Mantem-na macia. Rosada. Delicosamente fresca. E mais ainda accentuam a sua belleza admiravel...

Anita emprega, para empoar o seu rosto, uma esponja de tecido macio. E passa, sempre, duas camadas de pó de arroz. A primeira, para abranger o rosto todo e a segunda, para igualar a côr do rosto e para fixar melhor o pó. O pó que ella emprega, é o Coty, Rachel nº. 1.

— Geralmente não compro cousas que se guardam em caixas bonitas.

Segredos da Belleza

Diz Anita.

— Mas, confesso, o pó Coty que emprego, é, de facto, o melhor que já usei. Nunca começo a passar o pó debaixo dos olhos e, depois, desço para o queixo. Sempre começo pelo pescoço e, depois, vou subindo para os olhos. O mesmo systema applico para lavar e seccar meu rosto.

— Pode ser que os cremes sejam uteis á certas pelles para fixar o pó. Eu nunca os usei. Prefiro deixar que o gorduroso natural da pelle se encarregue de fixar o pó. Passo primeiramente uma camada de pó. Depois applico o rouge. Para, em seguida, applicar a mão final de pó. O rouge que tenho empregado, é o de côr alaranjado. As côres claras accentuam um tom demasiadamente angelico e espiritual que detesto ter. Emprego sempre o rouge "Vegetal Poppy de Miro Dena". A camada de pó que passo, em seguida ao emprego do rouge, é para empallidecer o rouge e, assim, dar um tom natural ao mesmo. Passo-o bem sobre a maçã do rosto e não o espalho demasiadamente. Quando pinto meus labios. Jamais accentuei a curva superior do labio e, com isto, fiz um coraçãozinho na bocca. Reputo errado este systema. Creio, mesmo, que o meu systema de applicar baton seja o mesmo de todas as outras, pequenas. O que uso é o Tussy, nº. 2. Começo, sempre, marcando o labio superior, partindo do centro. Faço isto nos dois sentidos. Depois, a mesma cousa, com o labio inferior. E, em seguida, torno-o natural com a ponta do meu dedo minguinho...

Uma das cousas que mais merece a attenção de Anita, são as suas pestanas. Como todas as mulheres latinas, Anita que tem sangue hespanhol nas veias, sabe que vale ouro o tempo que perde com as suas pestanas.

Com um lapis dermatographico Max Factor, ella accentua o traço da raiz das pestanas. Mas apenas um traço leve e quasi imperceptivel. Porque carregando, dá um que de tragico á figura que o emprega. Ella emprega um lapis cinzento escuro. Depois disso, accentua levemente o traço com um de côr azul. Para o dia, ella emprega este traço mui discretamente. Para a noite, com luzes artificiaes, portanto, emprega ella mais accentuadamente este traço. Deve-se sempre escolher a côr do traço pela côr do iris dos olhos. A parte mais importante do processo é a applicação da "Mascara" Max Factor. Nunca se deve empregar demasiado rimmel. E' passar o sufficiente para destacar vi-

(Termina no fim do numero).

Arminda

QUE ESTA' FAZENDO
O
CINEMA FICAR
FALADO...

QUAL
SERA'
A
PROXIMA
A
VIR
DO
MEXICO?

Mary Pickford conta quem ella é

— Fui sempre uma criança exquisita.

— Conta-me minha mãe, sempre, que, horas depois de ter nascido, já olhava eu para todos os objectos e para os presentes, parecendo, já, gente grande que comprehendia tudo aquillo...

— Sempre tive a vontade de proteger.

— O instincto maternal é parte integrante do meu ser.

— Não temo a idade.

— Nem a morte.

— Apenas temo não ser sincera para commigo propria...

— O que mais quero conseguir é absoluto desprendimento.

— Gosto da fama. Sentiria a falta se ella me abandonasse.

— Não penso em me retirar da téla. Seria minha morte o afastamento da lida Cinematographica. Seja em que ramo fôr.

— Nunca se deve condemnar uma pessôa pelo que pensa ou pelo que ella faz. Porque mesmo um gatuno que rouba joias certo de que está agindo acertadamente, não é passivel de condemnação. Nascemos, todos, com capacidades differentes.

— Tenho absoluta certeza de que sei conduzir a mim propria.

— Subconscientemente quero a morte.

— Vou tentar expor a razão de alguns dos meus pensamentos.

— Ainda muito criança já tinha um grande senso de responsabilidade. Creio, mesmo, que nasci com elle. Depois da morte de meu pae, sabia que precisava trabalhar. Sentia em mim a necessidade de zelar por mamãe, Lottie e Jack. Queria e ambicionava loucamente dar a Mamãe tudo quanto ella não tivéra até então.

— Sempre tive um grande instincto de defeza pelos meus. E ainda tenho.

— Aos dez annos, já era uma grande fantazista. Muitos jovens tambem o são. Precisam ser. Já estão, assim, cuidando de um outro pequeno mundo que será delles, quando realizarem o que sonharam... Minha mãe sempre procurou afastar de mim taes idéas. Sempre foi uma pessôa extremosissima e carinhosissima a minha pobre mãe. Amava-nos profundamente. Ella não era a mãe das peças de theatro e nem as que se imaginam logo quando se cogitam de um exaggero maternal. Era outra especie de mãe. Nunca interferiu na minha carreira. Sabia que eu passava os dias no Studio e nunca quiz me vigiar. Deu-me, sempre, a maior das liberdades ao lado das maiores provas de confiança. Jamais me criticou sem o prefacio: — "E' a minha opinião, apenas".

— Quando era criança, jamais me impressionei com a fama. Chamavam-me de "Gladys Smith, a criança prodigio". Aquillo não me causava o menor effeito. Effeito causava-me, sim, o camarim immundo que me deram pela primeira vez, quando devia representar num dos theatros de minha terra. Recusei trabalhar. Minha mãe ali estava. Olhou-me. Não me olhou como as mães olham os seus filhos prodigios... Olhou-me como se olha uma menina malcreada e caprichosa... Chegou-se á mim. "Vaes para a cama. Para o quarto do hotel. Não te quero ver sinão amanhã. Lottie fará o teu papel. Foste má e cruel."

— Chorei. Aquillo foi peor do que uma valente surra. Mamãe falou commigo. "Não. E's bôazinha, eu sei. Se falo, é porque quero que sejas querida do publico e que não o aborreças com teus impetos de genio".

— Fui representar a peça. Aprendi a lição. E, dahi para diante, sempre fiz aquillo que me trouxesse o amor do publico e sempre trabalhei para o publico gostar de mim.

— Sei que morrerei antes de me retirar da lida artistica.

— Póde ser interessante. Mas o facto é que não posso imaginar a minha vida sem estar mettida em qualquer ramo do negocio de Cinema.

— Douglas já pensa de outra fórma. A elle pouco importa fazer mais um film ou não. Elle se interessa mais por provas athleticas. Pelo jogo de "golf". Depois é que vae para os palcos e cuidar das filmagens. Mas Douglas cresceu e educou-se de outra fórma. Teve um lar adquado. Uma escola. Theatro ou Cinema, para elle, sempre foram motivos de distracção. Porque, creiam, desde os seus tempos de moço, já tinha elle fortuna e não precisava da carreira para viver. Tornou-se profissional, porque achou que era o meio mais commodo e mais interessante de ganhar dinheiro sem muito sacrificio e sem attenção desmedida. Elle se retiraria amanhã. E não sentiria a menor falta do seu trabalho...

— Para mim, o theatro e o Cinema, foram, sempre motivos de necessidade. O pão de cada dia. Foram o meu sustento. E de minha familia, tambem. Foram a minha vida. Principalmente o Cinema, o meu verdadeiro orgulho.

— Pensava não poder viver sem minha mãe. Por sermos tão unidas, achava impossivel que ella se afastasse de mim e eu conseguisse viver sozinha. Ella falleceu. Eu continuei vivendo. Vivo, ainda. A vida não é a mesma, para mim. Mas vivo, apesar de tudo. E, aprendi mais uma cousa da philosophia espontanea da vida. Quando se fecha uma porta, abre-se outra, ao lado...

— Ainda era muito joven e já sabia ser sufficiente para carregar pesados encargos da vida.

— Jamais pensei que me fosse possivel viver ou supportar a companhia de gente extranha. Houve uma occasião em que passei instantes em companhia de uma mulher que era a artista caricata da minha companhia. Ella se mostrou muito antipathica e eu a não supportei. Mas, passados esses tempos, verifiquei que me enganára e que ella era, apenas, a verdadeira figura de bondade que hoje eu conheço e que está lá em cima, cuidando de minha casa. Assim é com muita gente. Conhece-se hoje. Acha-se antipathica. Amanhã já se está

(Termina no fim do numero)

Havre. Porque ha alguem, a bordo, que precisa ser encontrado.

Duke, indisposto e resmungando palavras agradaveis, conta a Olson a sua desdita.

— Sou eu! Pódes estar certo! Não te lembras daquella franceza que eu...

E narrou uma aventura em que entrava uma Lizette. Um francez bigodudo. E, no fim, uma porção de *gendarmes* á procura do homem que partira a cabeça de um francez com um banco de madeira...

— E é a mim que elles procuram!

Amaldiçoava a volta ao Havre...

Emquanto Mr. Pratt conversa fiado com Papa Gouset, já no Havre, Duke e Olson vão procurar diversão. Sobem por uma escada de fundos. Ficam á espreita. Atravez da vidraça, perfeitamente livre de roupas, nas suas matinaes arrumações, Fifi. Uma francezinha "knock out". Cheia de it desde o dedinho do pézinho ao ultimo fiozinho dos cabellos...

E ali ficam elles. Ella não os nota. Caminha até á victrola. "Pequeninos nadas do amor". E' a

Loucos

(HOT FOR PARIS)

"Japão Negro", cavallo capenga e velho, ganhou!

Que peso! Aquella gente toda. Todinha! Coçava a cabeça e, desgostosa indagava quem era o unico homem que jogára naquelle azar...

Tal fôra o resultado do Grande Premio do prado de Longchamp. Os cavallos de pura linha não conseguiram nada. E "Japão Negro", um azar que só teve uma pule vendida...

Justamente elle! E não foram poucos os que vociferaram pragas ao cavallo e ao jockey que o levára ao bastão da chegada...

Mas quem é o felizardo que pegou as duzentas mil libras?

Quem é?

Quem será?

Por que não apparece?

Soceguem. Não podia ser outro. E' o nosso pandego e grande amigo Victor Mc Laglen. Na pelle de John Patrick Duke, primeiro piloto de um navio muito vagabundo que navega entre Sydney, Australia e Havre.

Mr. Pratt recebe ordem de voltar para o

FILM DA FOX

VICTOR MC LAGLEN	*John Patrick Duke*
Fifi Dorsay	*Fifi Dupre*
El Brendel	*Axel Olson*
Polly Moran	*Polly*
Lennox Pawle	*Mr. Pratt*
August Tollaire	*Papa Gouset*
George Fawcett	*Ship Captain*
Rosita Marstini	*Fifi's mother*
Agostinho Borgato	*Fifi's father*
Yola D'Avril	*Babette Dupre*

Director: RAOUL WALSH

por PARIS

canção maliciosa e quente que lhes chega aos ouvidos. Duke já se sente mal. Olson pergunta-lhe se poz o collarinho de celluloide...

Ella começa a mudar as pouquissimas roupas que traz. Duke já sente um calor insupportavel e procura afastar os olhos ingenuos de Olson daquelle espectaculo...

Quando pelo quarto de Fifi. Ousado e perfeitamente francez. Entra um dos seus ardorosos apaixonados. Raoul.

— Fifi...

E os seus braços pesados e fortes cáem sobre o seu gritinho assustado e nervoso.

— Saia!

Elle a olha e faz um trocadilho mental que não está presente...

— Retire-se!

Mas elle caminha sempre. Apanha-a.

— Fifi...

Ella não escapa. Elle a tem bem presa nos seus musculosos braços. Vae beijal-a...

Quando um pesado murro o atira ao chão.

E' Duke. Diz-lhe, em inglez, o que em francez o faria corar...

— Miseravel... Como ousa espiar uma pequena assim... Assim...

Fifi se cobre ligeiramente.

— Assim... Innocente?!...

Raoul quasi ri. Mas o momento é serio. Reagir é asneira. O primeiro murro já provou o que seriam os demais...

Retira-se.

Fifi enlaça Duke.

— *Mon petit bijou!*

Duke já se derrete todo. Para disfarçar pergunta-lhe pela canção.

— "Pequeninos nadas do amor"?

E canta.

(Termina no fim do numero).

Ella não quer mais ser o

Lillian Gish é, das artistas de Cinema, uma que parece ter a unanimidade de sentimentos em relação a si. Homens ou mulheres. Moços ou velhos. Intelligentes ou mediocres. Todos concordam. Lillian é uma artista sem par!

Os seus proprios empregados são servos da sua personalidade doce e angelica. Os cãezinhos e os gatinhos, mesmo, parece que latem e miam em consideração á sua suavidade e á sua auréola de pureza...

Para quem a conhece, Lillian é uma alma grande. Para os que a não conhecem, um frio enigma. Não importa que o publico diga o contrario. Mas para os sonhos de todos que a estimam, embóra ella não mais o queira, continíua sendo o pequeno lyrio partido dos bonitos sonhos de todos os "fans"...

Lillian é extraordinaria. Pleno inverno, na California, ella nada, no mar gelado, como se estivesse tomando um banho morno... E' de uma energia extraordinaria. Coragem não lhe falta para enfrentar e para vencer as desgraças.

Lillian prefere, sempre, deixar occulta a sua vida. Porque ella acha que o que é intimo deve ser intimo, mesmo. Uma cousa que ella tambem desconhece, são os methodos extravagantes das grandes estrellas, isto é, de certas grandes estrellas.

Ella é uma mulher admiravel. A sua capacidade para a amizade e a lealdade, não conhece limites. Ella nunca refutou o juizo tradicional que o publico della faz. Acceitou-o com amizade e sympathia.

Mas na presença dos que a conhecem com mais intimidade, ella é companheira extremada e, ainda, uma creatura raramente humana e viva.

Porque não dizer? Ella aprecia um pouco de falatorio... Champagne é a sua bebida favorita... O seu humor é concentrado. Mas sempre explode na occasião opportuna e efficiente... Durante festas, é, geralmente, a ultima que se retira. E, quasi sempre, é a verdadeira animadora de qualquer recepção. Ella não é convencional e nem maneirosa. O seu prato predilecto é *bouilliabaisse*. A sua concepção de divertimento completo, é exquisita. Ella, para tanto, acha que é necessario correr por um matto qualquer, ás soltas. Não apanhando ninhos de passaros, como é justo imaginar. Mas divertindo-se em correrias e em brincadeiras quasi selvagens... Ella aprecia immenso uma bôa historia. O seu animo não tem fim. O seu enthusiasmo é desusado e o seu espirito é extremamente jovial.

Ha, a respeito della, qualquer cousa ascetica. Não se deve pensar que, com isto, ella se pareça com as grandes figuras do Cinema em brilhantismo e vida... Os seus vestidos, estejam ou não na moda, são desenhados e delineados por ella propria.

Seus habitos, em certas cousas, são de uma simplicidade militar. Sente-se, perfeitamente, que ella é dessas creaturas despidas de artificios. Que nunca se approveitou de um sorriso duvidoso ou de um maneirismo estudado para tirar partido de uma situação que a sua volubilidade poderia resolver.

Emquanto esteve filmando no Studio da United, occupou o camarim de Mary Pickford. A sua presença operou uma mudança radical. A gloria se foi para sempre. Cessou o movimento. Tudo tomou um tom e um modo espiritual e respeitoso e não jovial e infantil como nos tempos de Mary Pickford...

O sequito desta princezinha do sonho, compõe-se, apenas, de uma empregada que com ella está ha annos e "Georgie", um fox-terrier que ella muito estima.

Lyrio Partido

O seu primeiro film falado já passou pela sala de corte. A sua voz mostrou-se admiravel e um excitamento para os "fans". A má sorte perseguiu sua carreira durante estes ultimos annos. Os seus verdadeiros successos, nestes ultimos tempos, foram "A Letra Escarlate" e "Vento e Areia". Os outros, apenas films. Sobre "A Letra Escarlate, diz ella:

— Achamos que estava perfeito. Mas a fabrica achou que faltava alguma cousa "engraçada" no meio... E mandou que se filmassem alguns detalhes inopportunos... Foi tão grande o aborrecimento de nós todos, que juntos faziamos o film, que, insensivelmente, todos nós deixamos temporariamente o negocio. Frances Marion custou a tornar a escrever. Lars Hanson foi para a Suécia e não voltou mais. Victor Seastrom, o director, foi para lá, tambem, e gozou férias bem longas. E eu fui para a Europa...

Um dos caracteristicos de Lillian Gish é admirar os seus collegas. Cousa rara... Foi isto que induziu Max Reinhardt a fazer "The Miracle Woman", com ella, como estrella principal. Depois de prepararem o assumpto por dois annos, regressaram, juntos, para Hollywood. E, aqui, encontraram os "talkies" destruindo tudo... Assim, tudo foi posto de lado e o sonho de Lillian, de ser dirigida por Reinhardt, rolou por agua abaixo...

"One Romantic Night", porém, é, agora, o seu recente esforço. Paul L. Stein foi seu director. Isto, apenas, para tentar as suas possibilidades neste novo genero de diversão. Cinema. Porque, como se sabe, ella nunca foi de theatro e para o Cinema falado a technica theatral é quasi que necessaria.

O seu interesse pelo Cinema, desde a sua desillusão acima relatada, augmentou com o novo medium. Assim, agora ella voltará. Os que assistiram diversos "rushes" do film, garantem que será elle um successo e que elevará Lillian Gish novamente no conceito publico.

E' o seguinte o que ella pensa:

— O quanto o Cinema silencioso podia fazer, fez. Já tinha feito todas as expressões possiveis. E já tinha tomado todas as attitudes imaginaveis diante de objectivas. Sentia, já, que nada mais havia para mim.

— Os dialogos, agora, vêm dar uma vida nova e uma nova sorte de possibilidades. Tenho a impressão de que, nos *talkies*, só mesmo os verdadeiros artistas sobreviverão.

E' bem possivel que um film falado, com ella, reerga a sua personalidade. Mas tambem é possivel que um film falado jamais apanhe aquella sua espiritualidade e aquelle seu ar immensamente delicioso que a fez celebre, annos atraz...

— Algumas personalidades jamais poderão ser apanhadas — diz ella. Foi o caso de minha irmã. Todo o humor. Toda a suavidade daquella creatura. Jamais vi na téla. Sentia, na verdade, que era falta de direcção que a deixava assim. Senti isto com tamanho interesse que, mais tarde, eu propria a dirigi num film. Mas fracassei, tambem...

Lillian é, antes de tudo, uma grande estudiosa. Se ella está para comprar moveis e um estylo particular lhe agrada, estuda o assumpto. Frequenta os mais reputados museus. Estuda os moveis daquella época que lhe agrada. E, depois, faz a compra com segurança e firmeza. Este mesmo caracter ella o dá ao seu trabalho do qual ella cuida seriamente. A sua curiosidade não conhece limites. E' extremamente observadora e arguta.

— Na verdade, não sei bem o que sou. Jamais perdi muito tempo conseguindo averiguar isto. Sempre tive muito trabalho, na minha vida, para vencer. Sempre cuidei de minha familia. Nunca tive tempo sufficiente para cuidar de mim propria.

— O que sei de mim, apenas, é aquillo que me contaram os adivinhos do futuro...

Strange Interlude, de Eugene O' Neil, é um film que queria fazer. Está, mesmo, procurando garantir o direito sobre o mesmo. Entrementes, foi para New York afim de se encontrar com sua mãe e sua irmã.

O que me disseram e que acima foi relatado, em estylo de salada, nada mais é que conversa ouvida de collegas, empregados e amigos seus. Todos elles accordam em dizer bem della. Não haveremos de nos unir aos que assim pensam e assim julgam pelo muito que com ella conviveram?

Baptista, um rico commerciante da cidade de Padua, tinha duas filhas. Katherine e Bianca. Bianca, a mais moça, estava quasi noiva. Katherine... Não! Entre os rapazes da cidade, todos, um não havia, por força, que ousasse se offerecer para desposal-a...

Era feia?

Não.

Aleijada?

Tambem não.

Então...

Simplesmente... terrivel! Geniosa! Má como os seiscentos...

E, para cumulo, o pae Baptista baixou uma ordem. O casamento de Bianca só se realizaria depois do de Katherine, a mais velha...

Até que ella é bonita. Bem bonita, mesmo. Mas os seus nervos... As suas unhas aguçadas... Os seus impetos de chibata em punho... Não! Vamos brincar de ficar solteiro?

Entre os candidatos á mão de Bianca achavam-se, rivaes, Gremio, um negociante rico, de meia idade e Hortensio, um joven elegante, distincto e bello.

Assim paravam as cousas quando á Padua chegou Petruchio, um cavalheiro de Verona, occompanhado do seu servo Grumio e do mais franco e levado dos sorrisos.

Elle vinha a cata de aventuras. Gostava de se divertir. Tudo, para elle, cheirava a pandega. Não levava a vida a sério. Ria-se por qualquer motivo. Gostava de gosar a vida...

Conversam. Petruchio e Hortensio. Em duas palavras está tudo explicado. A difficuldade para o casamento de Bianca. O genio pavoroso de Katherine. O dote que ella trará quando se casar. E o seu desgosto, pobre Hortensio, por ter que esperar essa cousa que jamais se dará, o casamento de Katherine...

— Espera lá!!!

E Petruchio ergue-se.

— E que faço eu aqui?

Hortensio tambem se ergue, esperança bailando nos olhos.

— Vou pedil-a. Sabes, perfeitamente, os meus methodos de amar...

E contou-lhe, em synthese, as surras que já pregára em diversas mulheres. E contou-lhe em synthese, as marcas de dedos que deixára nos costados de outras tantas... Hortensio socegou. E, dentro de pouco tem-

Mulher

po a cousa estava realizada. Petruchio candidata-se á mão da geniosa e temperamental Katherine. E Hortensio, auxiliado por Petruchio, passada a frequentar o castello sob o disfarce de professor de musica...

Para lá se encaminham. Os planos já estão assentados.

A' entrada, subito, um baque e uns gemidos. Depois, o corpo do ex-professor de musica que, com uns restos de alaude fincados á cabeça, que vem rolando pela escada abaixo...

E, no topo della, raivosa, olhos chamejantes, Katherine, a férazinha de Padua...

A luta inicia-se, rapida. Katherine é o menos delicada possivel com Petruchio. E elle, por sua vez, o mais bruto possivel com ella. Tratam-se aos safanões. Mas, embora contrariada, Katherine tem que reconhecer, pobrezinha, que os methodos de Petruchio são mesmo infalliveis...

Petruchio marcou o domingo seguinte para as nupcias. Katherine, revoltada, olhos em fogo, diz-lhe que é facil que seja

verdade o que elle diz. Mas que antes o veria enforcado... Aquella sua ultima phrase ficou zunindo-lhe aos ouvidos. Procurou-a.

— Eu me vou!

Ella se absteve de falar.

— Não me verá mais!

E, brusco e rapido retirou-se com os seus modos sempre grosseiros e decididos.

Nem bem tinha attingido a estalagem em que se achava e já o emissario de Katherine advertia-o de que as nupcias se poderiam realizar domingo, conforme seu desejo...

Era o principio da victoria. Katherine, sem duvida, encontrava naquelle homem differente, mais genioso do que ella, mais brusco do que ella nas minimas resoluções, um grande attractivo...

Começa, no dia do casamento, o verdadeiro castigo de Katherine. Férazinha, vae ser domada. E a funcção começa logo de inicio...

Petruchio, contrariando todos os convidados e magoando profundamente os brios de Katherine, fal-a esperar horas e horas. Na Igreja. Ao lado do sacerdote. Todos já ajuizando uma fuga provavel do heróe. E já commentando, perto da furia já atiçada daquella mulherzinha, o caso desta demora grosseira e inexplicavel...

Mas Petruchio chega. Santo Deus! Que horror! Traz os peores trajos do mundo. Vem peor do que um mendigo de baixa classe. Barbado. Horrivel!

Katherine, encolerizada, quasi desmaia. Mas prosegue a cerimonia...

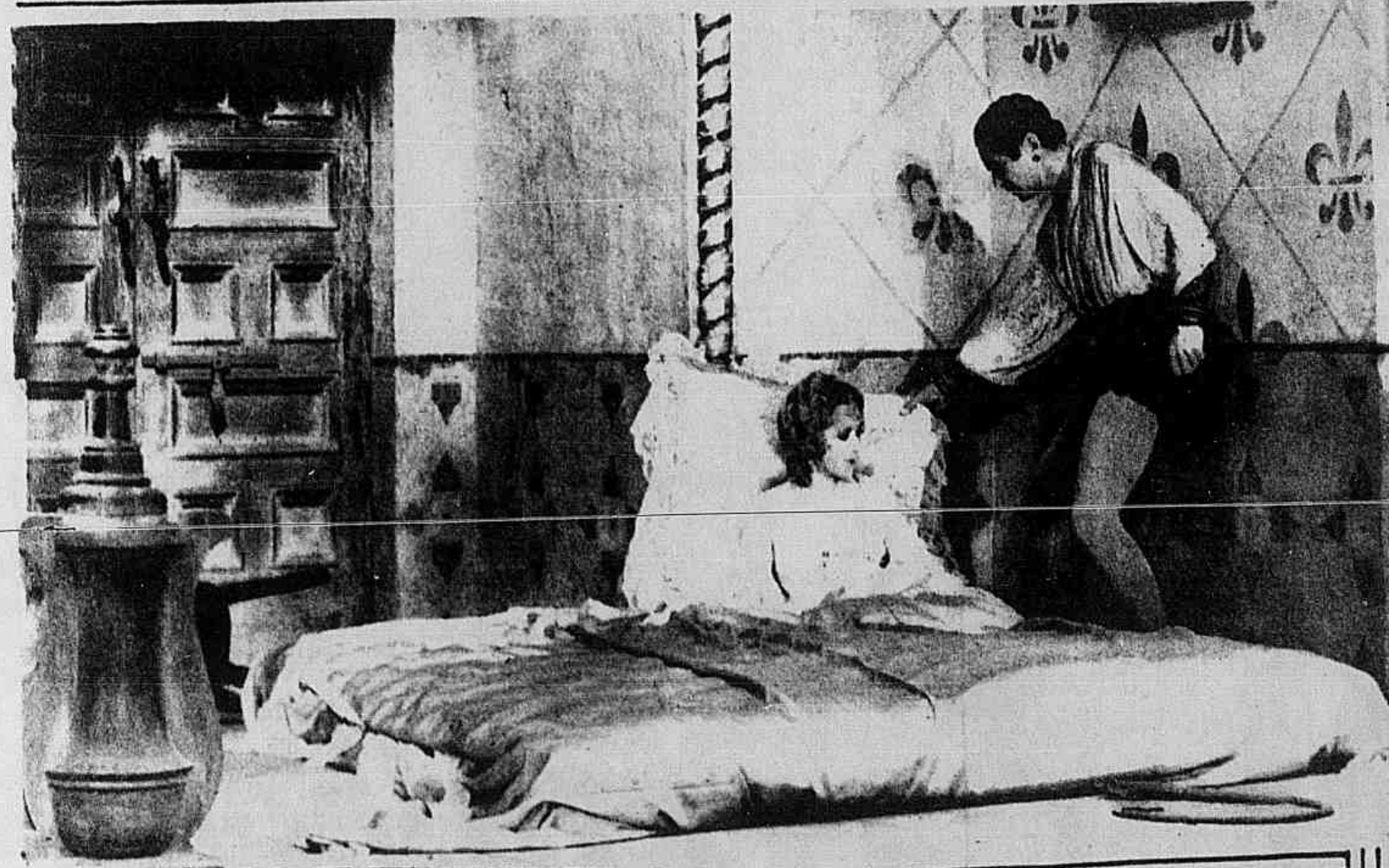
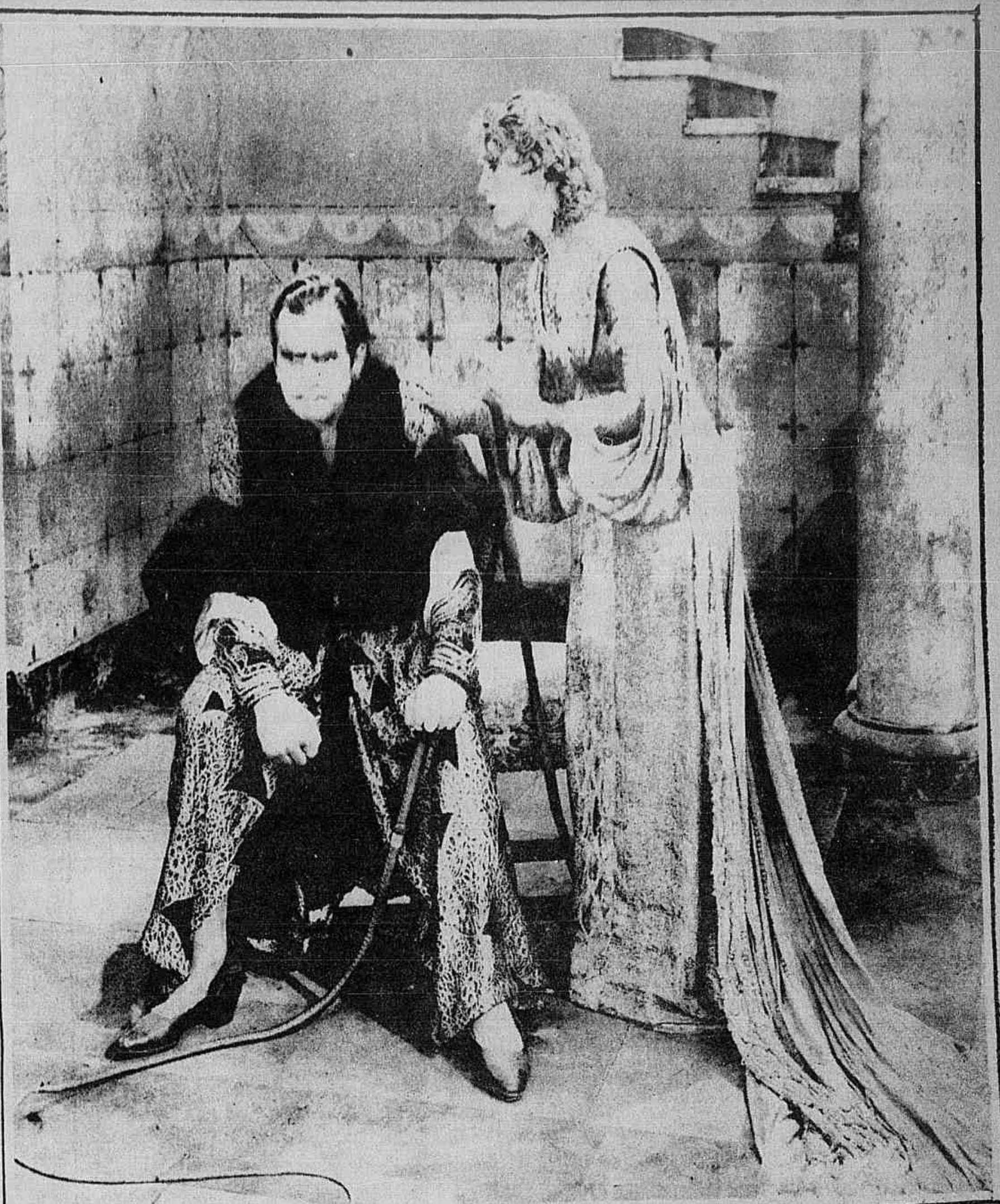
Ao fim da cerimonia ha uma festa retumbante. Petruchio não quer saber da festa. Os seus convidados protestam. Katherine desafia-o.

— Daqui não me levarás emquanto um delles aqui estiver!!! Elle sorri. Sempre aquelle seu sorriso jovial e inexplicavel...

Ha um duelo de ironias. Petruchio a todos vence. Applica toda a sabedoria das palavras de Shakespeare... E mais a graça de algumas palavras da gyria yankee...

E, com o protesto geral, arranca ás brutas Katherine da festa e leva-a para os compartimentos que vão habitar.

O odia que lhe assoberbava o coração não conhece limites.

E assim se passa aquella noite aventuresca e accidentada... Vão passar a lua de "mel" na sua casa de campo. E, lá, Petruchio inicia a verdadeira domação daquelle anjinho que quer ser féra...

DOMADA

Fal-a realizar os menores desejos do seu capricho maluco. Sujeita-a á toda sorte de humilhações. Vence-a, paulatinante, alternando a grosseria das suas palavras com phrases de amor inspirado que lhe fazia, quando se sentia disposto...

Mas era um amor interessante.

— Katherine, amo-te!

Scena séria.

Que elle quasi sempre quebrava com a mais gostosa e sardonica das suas gargalhahdas...

Louca de raiva, furiosa, ella sáe, noite afóra, pelos campos. A chuva, que cahia, fustiga-a severamente. Desesperada, aniquilada, vencida, volta. E elle nem siquer lhe offerece novas roupas, em troca daquellas que a gelavam até aos ossos...

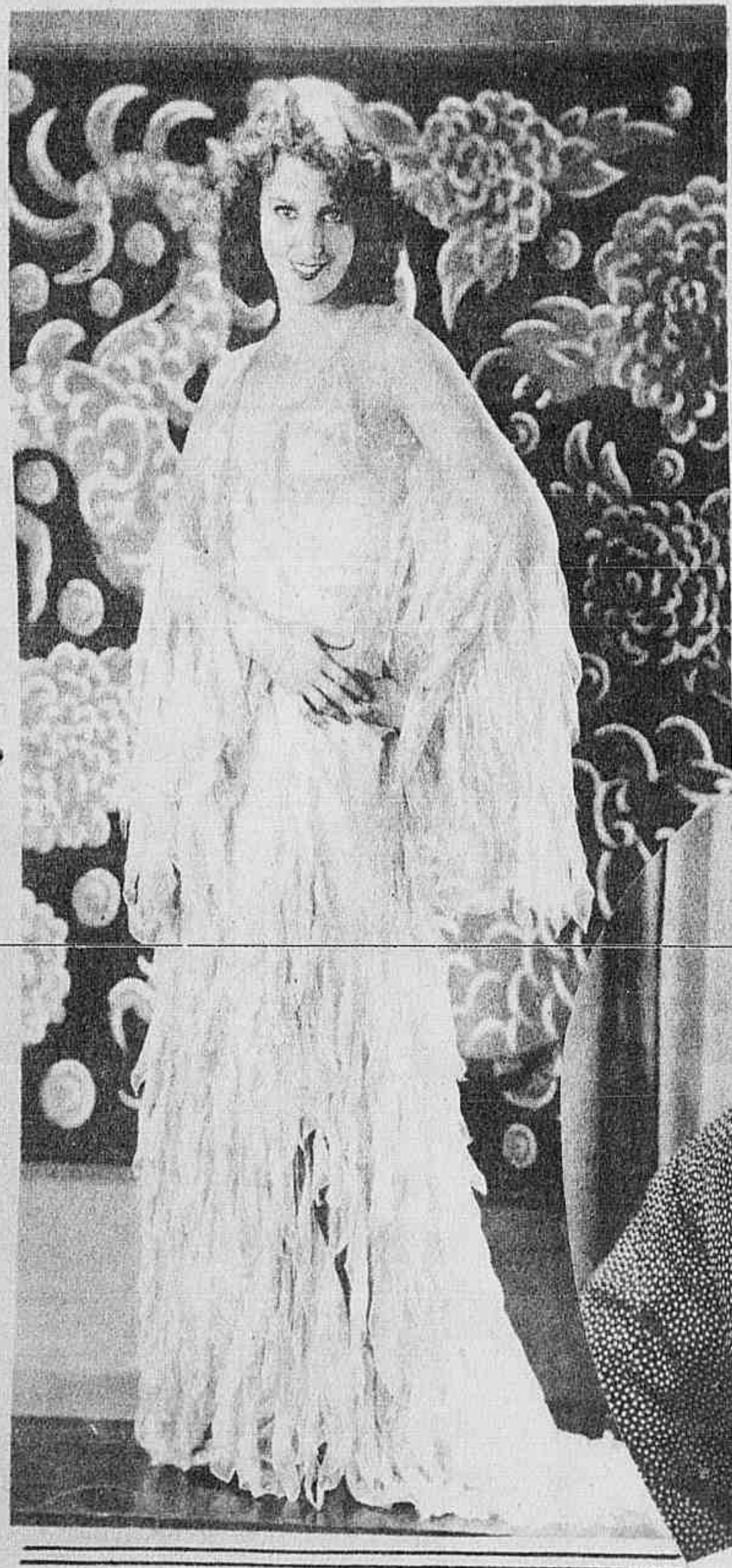
E, depois, quando, esfaimada, tenta jantar, elle allega que aquillo estava mal temperado e ordena que nada

(Termina no fim do numero)

Ella nasceu em Philadelphia. Tem cabellos que parecem fios de ouro de lei. Olhos verdes. Profundos como a maior onda do oceano immenso... Sua pelle, lustrosa e macia, dá vontade de tocar, de beijar... Se não tivesse ella, além disso, um "que" de aristocratica e autoritaria que tira todas as vontades de caprichos e ousadias... Suas idéas são mais rapidas do que athletas malabaristas. E' humoristica e moderna. O cunho particular da sua mocidade é a experiencia de velha que tem... Sua belleza é simplesmente admiravel!

Trajava-se simples e adoravelmente quando a procurei. Em poucos instantes contou-me historias que não tive a menor idéa de imprimir aqui...

Ella não tem medo do que diz. Jamais toma attitudes innocentes e fingidas. E' uma creatura humana. Simplesmente. Deus é que a fez lindissima e suave. Intelligente e maliciosa. Para peccado em conjuncto de todos que a vejam...

Ella veiu de "Boom, Boom", (peça de theatro) para "Alvorada de Amor" e "The Vagabond King". Foi Richard Dix que a achou notavel para o Cinema. Lubitsch ouviu e contractou. A Paramount concordou e endossou. Agora temos a sua figura para sempre dentro dos films e dentro dos ouvidos a sua voz...

JEANETTE

Jeanette, para resumir, descende de gente que acha que "pequenas direitas não pertencem ao theatro".

Seu pae, dizia, contemplando-a a crescer a criar belleza. "As filhas de outros homens. Não a minha!"

As tias, solteironas e casadas, resmungavam. "Graças a Deus! Jeanette nunca será dessas..."

Hoje, "mamãe" é a sua maior animadora

Justamente o typo da familia que mandou ensinar canto e piano a Jeanette porque "era moda"...

Um dia apanharam dansando a pobre Jeanette no jardim da casa. Foi um escandalo! "Se alguem visse, menina maluca!?"...

Pensavam, pobres burguezes, que aquella voz de ouro era apenas para os serões de familia, cantando hymnos sacros e canções mais velhas do que Christovão Colombo...

Quando ambas as irmãs entraram para o theatro, é difficil descrever o que houve.

Naturalmente o pae, sizudo e grave, chegou-se ao lado da familia que chorava.

Cobriu a cadeira de preto. Depois a outra. E, mais grave e austéro do que nunca. "Para mim, morreram!"...

Numa das revistas de Ned Waybyrn, no Capitol Theatre de New York, fizeram a es-

tréa. As cousas mudaram. Em casa, rezando pe la alma de "Jeanette, coitadinha", ficaram os paes quando ella appareceu no Capitol. Quando estrellava ella "Boom, Boom", occupavam a primeira fila e sorriam enlevados para a "filha" e faziam questão de que todos soubessem que eram elles os "autores" da deliciosa Jeanette...

A mãe de Jeanette acompanhou-a a Hollywood. E' natural. Já se viu uma artista de Cinema ou de theatro que se não faça sempre acompanhar de sua mãe?...

Richard Dix a viu dansando e cantando. Acho-a admiravel para sua companheira em "Nothing but the Truth". Disse-lhe isto, depois de se apresentar. Tiraram provas, juntos. Estas, confirmaram plenamente o juizo de Richard Dix. Os Schuberts, donos do seu contracto, não a queriam livrar do mesmo. Disse um delles. "Auxiliar o Cinema? Jamais! Não está elle nos arruinando com novidades faladas?"...

Não se arranjou nada. Ficou ella firme com os Schuberts. E continuou nas peças "The Night Boat", "Tangerine" e "Irene". Depois, como principal, em "Fantastic Fricasse".

Foi ahi que se movia a Paramount a cata de uma pequena para acompanhar Chevalier em "Alvorada de Amor". Ernst Lubitsch havia visto as provas que ella tirára com Richard Dix. Elle pediu Jeanette. E não quiz saber de outra que não fosse Jeanette.

Jeanette veiu para Hollywood. Não ha Schuberts e nem Chopins que possam com Hollywood quando Hollywood quer...

E' provavel que você a tivesse visto em "Alvorada de Amor" e tambem aquelle lá e aquelle acolá. E' logico que, agora, melhor do que eu poderão falar sobre Jeanette Mac Donald... Não é?

E' até peccado não a ver neste film. E eu sei que os que me lêm são santinhos...

Perguntei-lhe como tinha conseguido aquella suavidade de voz em "Alvorada de Amor" e aquella maravilhosa interpretação.

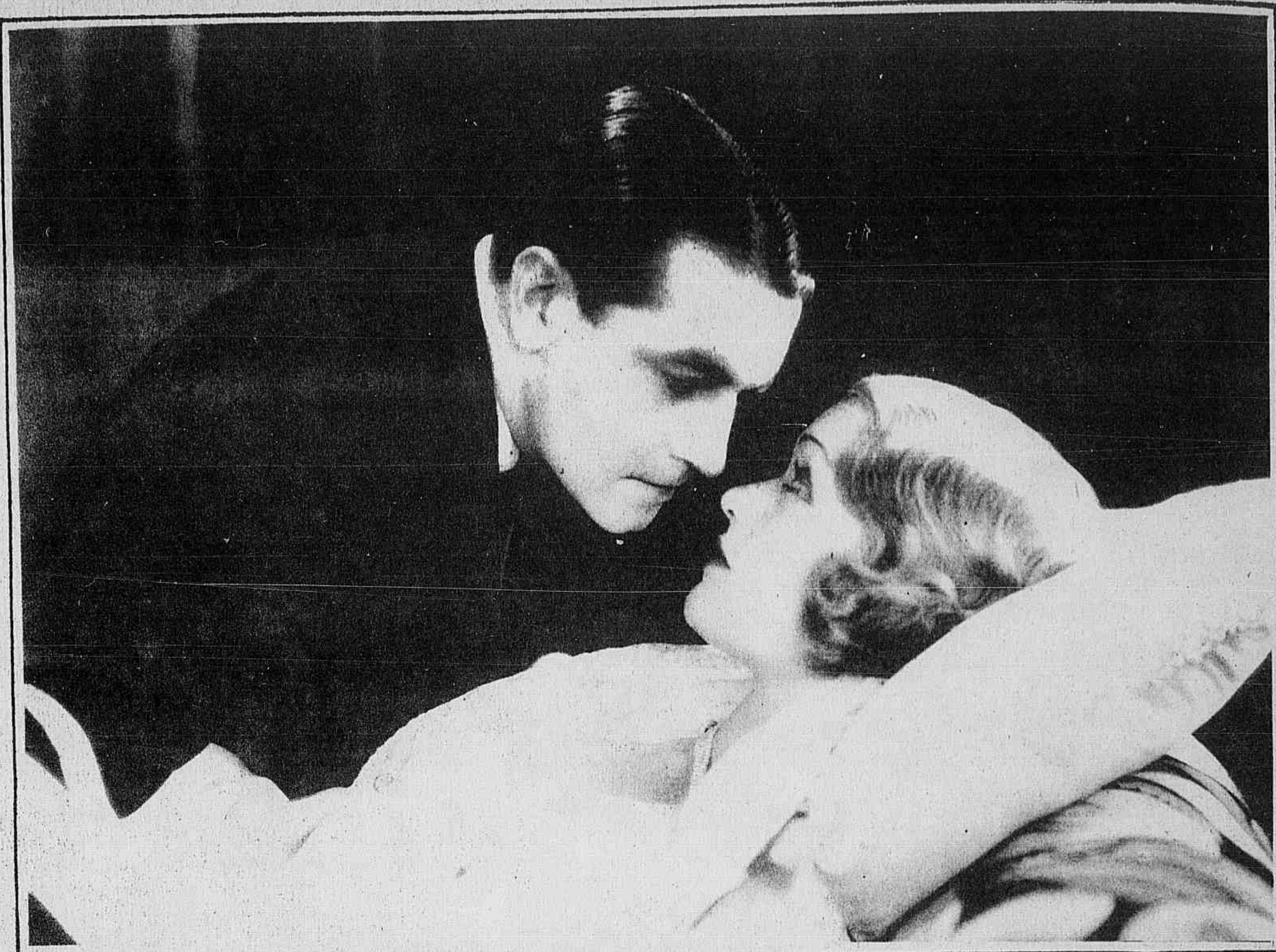
— Não fui eu, apenas. Não posso deixar de repartir os louros da victoria. Devo tudo a Lubitsch. Mas a força que nos fez vencer o gosto do publico, foi a mesma que nos fez vencer o productor. Houve cousas que foram contrariadas. Mas os "rushes" eram exhibidos e a nossa vontade sempre imperava... Lubitsch é phantastico. Maurice é admiravel. Eu collaborei com estes dois homens estupendos!

De uma cousa ella se admirou. De quasi ninguem a conhecer, quando, em New York, são poucos os que a não conhecem. E, assim, convenceu-se de que Hollywood sabe da existencia de New York atravez dos mappas e lendas que contam alguns que de lá vêm, feios e com bôa voz, para cantar em films de fabricas inferiores...

— Achei uma differença grande de Hollywood para Philadelphia. Aqui não se póde ter um "amiguinho". Porque elle, é logico, é aquelle que paga as despesas e tem as honras de ser apontado como Mr. Fulana de Tal... Em Philadelphia, não. Um "amiguinho" é um namorado que só espera o "sim" para comprar as allianças... (Mas isto, Jeanettizinha, tambem acontece aqui! Amiguinho, no Rio de Janeiro, é cousa muito differente em Pindurasaia ou Mandarutiba...)

Jeanette disse que não está amando ninguem. Disse-me que tem um "provavel" para occupar o seu coração. Mas que é um cavalheiro de New York que esteve em passeio por Hollywood. Mas que ella ainda não se acha convenientemente preparada para casar.

— Guio meu coração com o cerebro. E isto não

Termina no fim do numero

O Filho dos Deuses

(SON OF THE GODS)

Film da FIRST NATIONAL com RICHARD BARTHELMESS E CONSTANCE BENNETT.

— Um chinez!...

Aquella mulher loira procurava ferir-lhe os melindres de homem exactamente invocando o motivo do seu maior orgulho! E SAM LEE se orgulhava de ser o filho unico e dilecto do millionario mais em evidencia que dominava todo o bairro chinez de New York com o poderio invencivel do seu ouro e o prestigio immenso da sua sabedoria, tendo nas suas mãos amarellas, muitas vezes, o destino e a fortuna dos brancos de maior renome do mundo das finanças... Ser chinez, pelo sangue e por tão enaltecedora descendencia, era para SAM LEE uma gloria!... E por isso se ufanava de curvar os joelhos ante o velho venerando que, absorvido no seu credo religioso, vivia vida feliz e pacata no seu palacio sumptuoso, só fazendo o bem, como se em sua alma não houvesse logar para o mal...

Desta vez, porém, aquella phrase aborrecera-o pela injustiça que reconhecera na intenção de quem a pronunciou, cheia de odio. E tanto lhe ferira, o fundo do coração a fria perversidade da creatura que o chamara de chinez, julgando que o offendia, que deixou a Academia, abandonou os amigos que tanto o exploravam e correu para os braços carinhosos do pae, certo de que nelles encontraria um suave e doce consolo para todos os seus dissabores...

Para SAM LEE era, de facto, um tortura immensa aquella distincção que procuravam fazer para humilhal-o, como o chinez fosse, em alguma cousa inferior, aos outros povos. Não sabia explicar a si mesmo a causa dessa indifferença que levava certas creaturas a olhal-o com desprezo, quando elle achava que se podia ter vaidade era somente pela nobreza dos seus antepassados e pelo nome do seu pae, tão venerado! E, desgostoso, SAM LEE, pediu ao pae que o deixasse partir para um longo passeio pela Europa, á procura de outras terras e de outras gentes que não levassem a tal extremo esse absurdo do preconceito das raças. O velho chinez, que vivia para SAM LEE os olhos voltados para a sua felicidade, animou-o a ir, sim, dizendo-lhe que se não esquecesse que elle estaria a cobro de todas as vicissitudes e perigos por ser "filho dos Deuses"!...

SAM LEE, depois de uma larga excursão pelo Norte da Europa, se deteve em Nice, encantado pelas bellezas e pelas seducções do

(Termina no fim do numero).

Amizade, grande amizade. Era o que se podia dizer daquella que unia Jim e Billy.

Tambem, pudéra! Billy, quando seus paes morreram, ficára sob a tutela dos paes de Jim. E, agora, occupavam, no Prado de New Orleans, cargos diversos. Jim era assistente do director. Billy, um jockey famoso.

Ali, na Estação, Jim não continha a sua impaciencia. Queria abraçar o seu maior amigo! Felicital-o! Ha tanto tempo que elle se ausentára... E voltava triumphante. Estivéra na Inglaterra. Conseguira, brilhantemente, uma serie de victorias. E, voltando, em plena terça-feira de Carnaval, sedento estava por uma festinha...

— Marie...

Sua voz era grossa e pastosa. Caminhou para ella.

— Nunca!

Olharam-se.

— E porque?

— Porque... Não!

Ella o enlaçou com seus braços.

— Mas eu te amo tanto, meu Jim...

Elle abaixou a cabeça. Olhou-a... Não resistiu mais. Apertou-a como se a quizesse esmagar e seus labios, em quéda vertiginosa, despencaram sobre os della, num beijo que matava toda aquella agonia do seu coração...

Abriu-se a porta. O sorriso que entrava trans-

O Pareo da honra

(NEW ORLEANS) — *FILM DA TIFFANY*

RICARDO CORTEZ . . . . *JIM MARLEY*
ALMA BENNETT . . . . *MARIE CARTIER*
William Collier Jr. . . . . *Billy Slade.*

Director: REGINALD BARKER

Conversaram muito. Contou á Jim, o Billy, toda a sua odysséa. E foram ter a um baile. Jim não quiz entrar. Achava-se indisposto e preferia ir para casa.

Billy entrou e cahiu, direitinho, nos olhos grandes e lindos de Marie Cartier.

Amaram-se. Ella sabia da sua fama. Já tinhalhe visto o retrato nos jornaes... Deu-se por conquistada.

Ficaram noivos.

Foi ahi que Jim a viu.

— Minha noiva...

Foi a apresentação de Billy. A mãozinha de Anne residiu longos segundos entre seus dedos. Seus olhos, irrequietos, miravam o moreno da sua pelle de setim e o rubro dos seus labios...

— Muito prazer...

Naquella madrugada, quando todos dormiam e apenas os gallos cantavam modinhas horriveis, Marie, accordada, pensava.

— E' mais elegante... Muito mais bonito... E, depois, que olhos!...

Esquecia-se do jockey. Lembrava-se do assistente do director...

Jim bem que comprehendêra! O calor daquelle aperto de mão. A expressão daquelles olhos... Mas o que fazer? Trahir o amigo?

Tambem não dormia.

Pela manhã, ao levantar-se, Marie já tinha o seu plano. Sorria. Cantava. Mostrava-se mais alegre do que nunca!

Chegou o dia do casamento.

— Jim, vae buscar Marie. E's o padrinho...

Foram as palavras de Billy.

Jim sahiu. Seus passos arrastavam-se. Tudo nelle era pesado e intoleravel. Sentia, agora, o desejo que tinha de roubar aquella mulher ao amigo.

Chegou. Entrou. Sentou-se.

— Jim! Vem cá!

Marie chamava-o.

Quando elle entrou, achou-a transtornada. Sensual e mais linda do nunca.

— Sabes...

Elle não quiz saber. Desviou os olhos.

— Tenho o meu plano. Caso-me. Já não tem remedio. E's tão amigo delle...

Olharam-se. Elle tornou a desviar os olhos.

— Mas depois... Serei tua! Sómente tua! Para sempre tua!...

Fagulha electrica nos seus nervos, aquella phrase pol-o nos pés.

formou-se em esgar. Suor frio molhou a testa de Billy.

— Mas...

Não sabia o que dizer. O padrinho e a noiva tardavam. Viéra procural-os...

Encontrára a desgraça abraçando o seu maior amigo e a sua noiva... Encontrára a trahição mais mesquinha dentro do mais ardoroso dos beijos...

Ficaram todos sem saber o que dizer Billy sahiu. Jim correu atraz delle.

— Billy!

— Não me toques!

Olhou-os. Depois riu. Gargalhou freneticamente!

— Cães...

Não resistiu. De um salto atirou-se a Jim e arrumou-lhe tremendo murro á testa. Elle rolou pelos degráos abaixo. Marie gritu. Billy desceu, lentamente.

— Crê no que te digo! Ella será mais vil comtigo, do que foi commigo...

E sahiu.

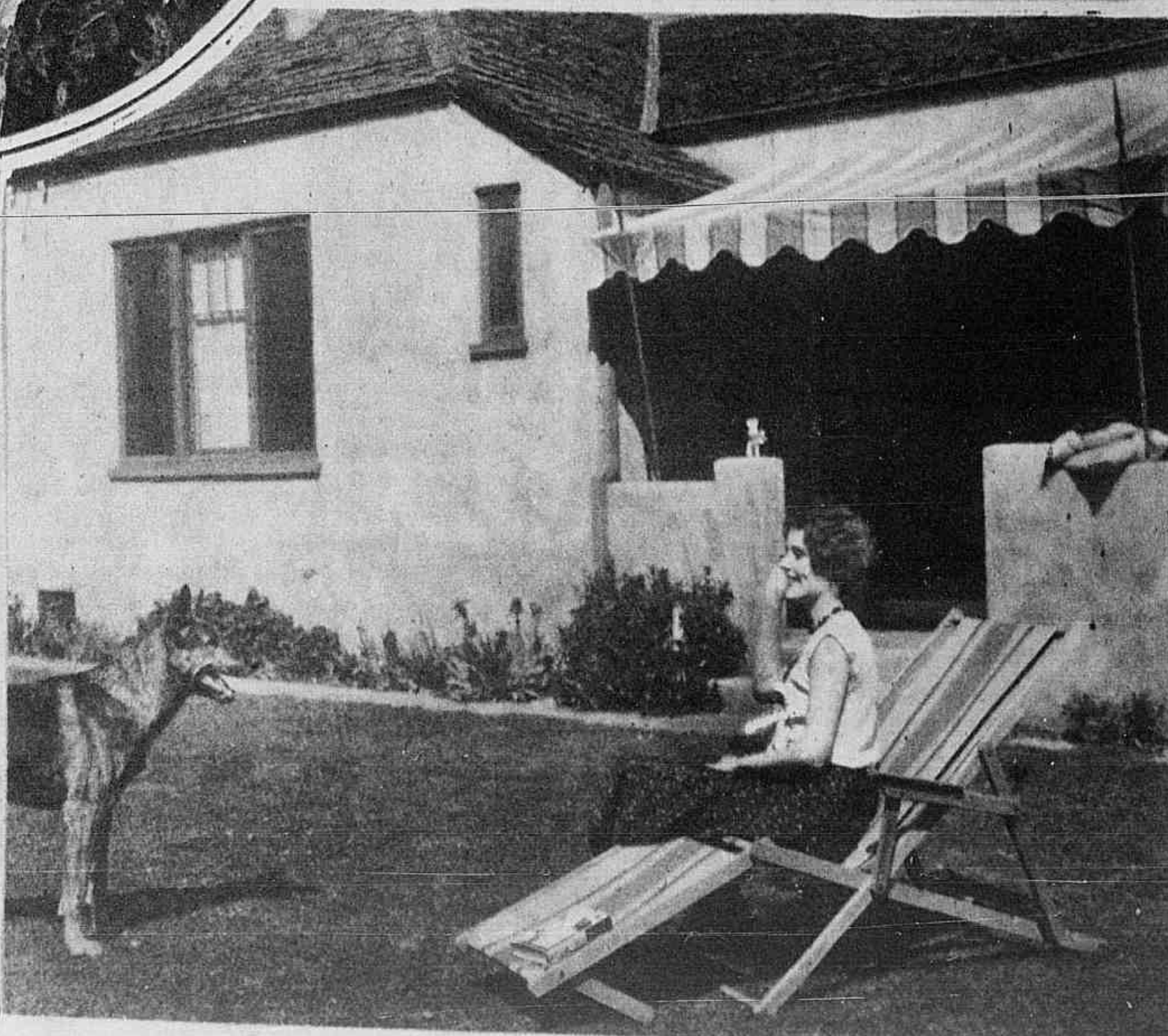
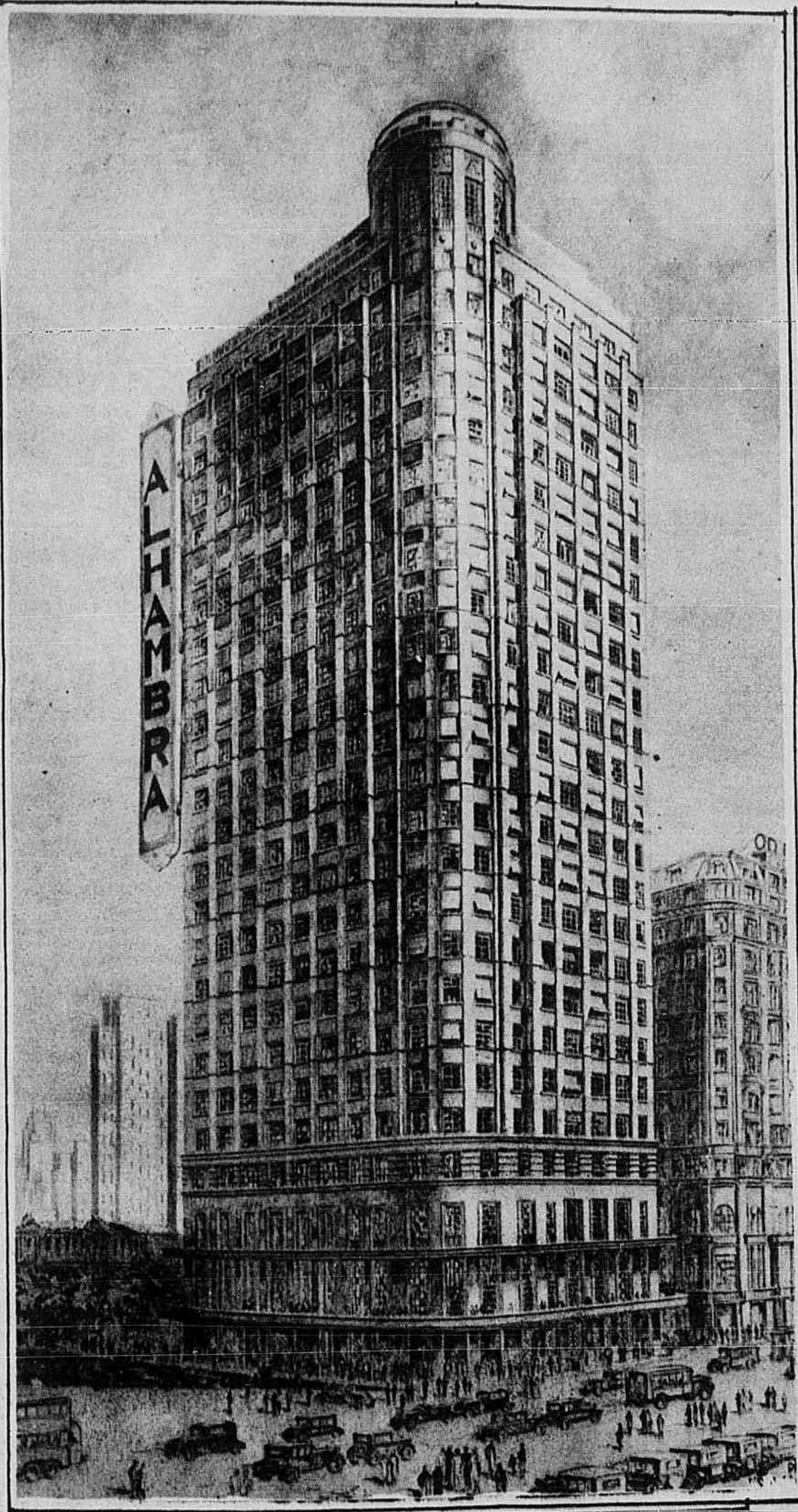
Marie beijou-lhe a ferida da quéda e do murro. Afagou-o. A sensação daquella scena desappareceu, dos olhos de Jim, ao calor e maciez daquellas mãos de mulher...

Casaram-se. A prophecia realizou-se. Dinheiro e mais dinheiro! Nada chegava para aquelle sorvedouro vivo...

— Jim... Eu precisava tanto de 500 dollares...

E eram 500 dollares a mais na longa lista de dividas do pobre rapaz...

(*Termina no fim do numero*)

SE EU TIVESSE UM FILM FALADO DE VOCÊ, JUNE COLLYER, EU O EXHIBIRIA NA MINHA CASINHA SOLITARIA E APPLAUDIA TODA VEZ QUE VOCÊ DISSESSE: "EU TE AMO"...

Mayer e que está visitando todas as agencias da referida companhia, no continente sul-americano. Em Buenos Aires, onde se tem demorado, falou para New York, na inauguração da telephonia entre os dois paizes, mantendo conversa com os dirigentes da empresa.

A Metro Goldwyn-Mayer apresentará, no seu programma deste anno os seguintes films, inteiramente falados em hespanhol: "Jéca de Hollywood", (Free and Easy), comedia de Buster Keaton; "Mr. Le Fox", direcção de Al. Roach, com Gilbert Roland; "Vida Noturna", comedia em cinco partes com Stan Laurel e Oliver Hardy e "Céo de Amores" com Ramon Novarro e Dorothy Jordan. Haverá ainda comedias da "Our Gang", de Charley Chase e Laurel-Hardy com dialogos em castelhano.

O Cine Paraizo, de S. Paulo, inaugurou a sua temporada de films sonóros com "Azas Gloriosas", da Metro Goldwyn-Mayer.

"Hollywood Revue", da Metro, serviu para estrear os apparelhos sonóros do Cine Paraizo, de São Paulo, de propriedade de V. Caruzo. A empresa installou machina de fabricação nacional, denominada *Cinephon*.

NA UNITED ARTISTS. — Está, actualmente, na gerencia da United Artists, no Rio, Emilio Lacoste, que, tratou dos negocios da companhia, em Ribeirão Preto, até ao fechamento desta filial.

A agencia da United em Recife, fechou. O gerente, José Gomes veio para o Rio, de onde partiu no dia 12 do corrente para Lisbôa, onde se demorará varios mezes. E' sua intenção voltar ao Brasil, onde continuará na sua carreira de cinematographista.

Seguiu para os Estados Unidos, em viagem de recreio, Al. Lowe, thesoureiro da United Artists, no Rio de Janeiro. Acompanhado de sua esposa e filho, permanecerá, dois mezes na America, visitando a sua terra natal, Maryland.

Deixou o logar de caixa da United, William Frederick Renny, que embarcou para a Inglaterra. Para o mesmo posto foi indicado Jayme Souto, que ha alguns annos, faz parte da contabilidade da companhia.

Actualmente, a United Artists só conta, em territorio brasileiro, com duas agencias, uma em S. Paulo, sob a gerencia de Virgilio Castello e outra em Porto Alegre, que é administrada por José Pavão. O Norte e o interior são servidos directamente pela matriz do Rio de Janeiro.

SOCIAES. — Festejaram seu anniversario natalicio, neste mez, os seguintes cinematographistas: Alberto Rosenvald, director geral da Fox Film do Brasil, Nestor Coelho, gerente do Palacio Theatro, da Companhia Brasil, Luiz Grentener, director da Urania Film, que distribue as producções da Ufa.

FACHADA DO FUTURO CINEMA ALHAMBRA DO RIO, DA COMP. BRASIL CINEMATOGRAPHICA.

UMA SESSÃO DO CINEMA CENTRAL, DE JUIZ DE FÓRA, UM DOS MELHORES DO BRASIL.

Cinemas e Cinematografistas

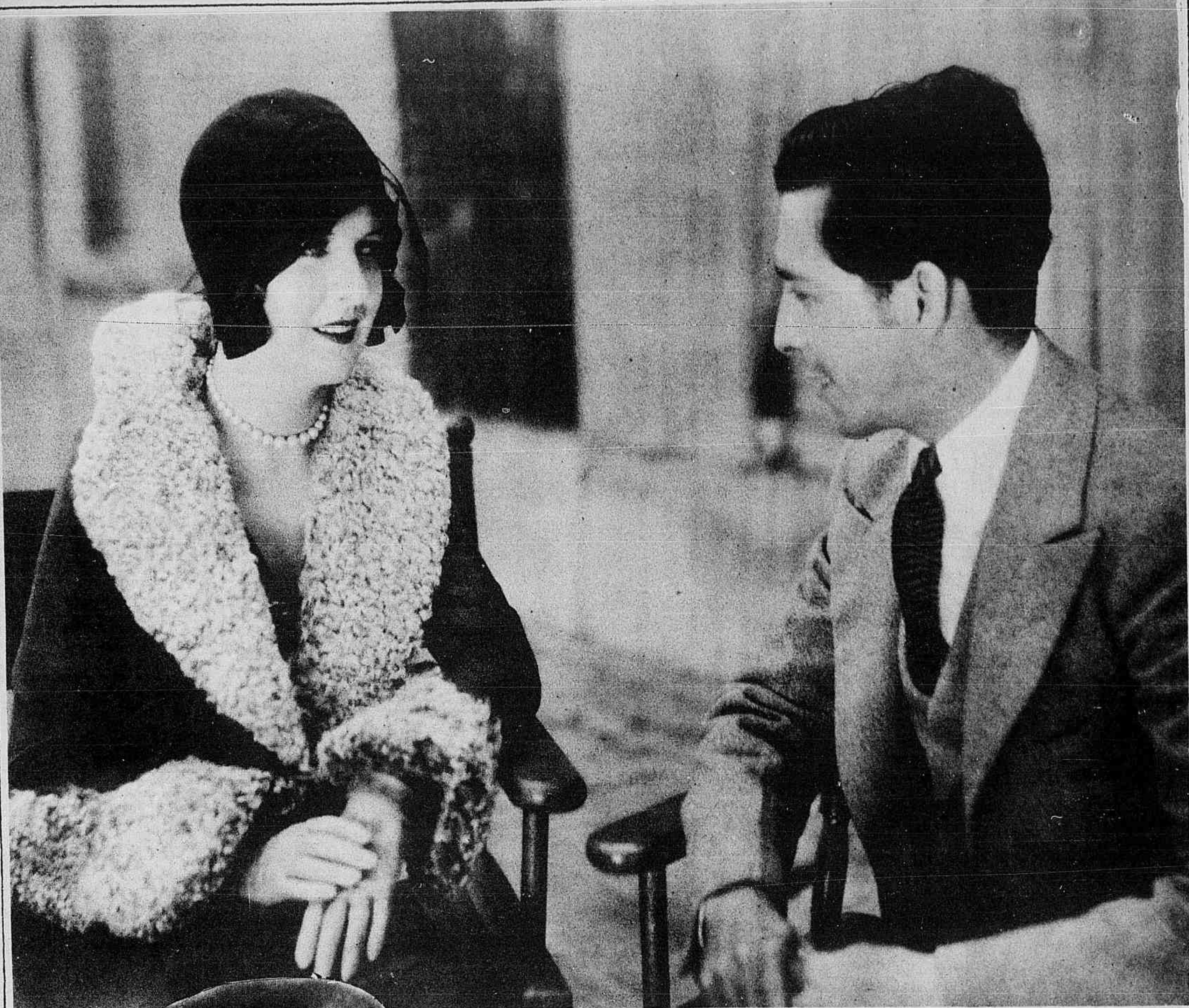
NA METRO GOLDWYN-MAYER. — Havendo terminado ha pouco o consortium da Metro-Goldwyn-Mayer com Severiano Ribeiro, em Recife, aquella empresa iniciou os trabalhos de sua agencia, na capital pernambucana. Está encarregado dos negocios José Quevedo Lopes, que exercia, anteriormente, o papel de representante da productora americana naquella cidade. O primeiro film lançado foi "Broadway Melody", que inaugurou a temporada dos "talkies", mantendo-se oito dias no cartaz do Cinema Parque, um dos mais modernos do Norte.

Juiz de Fóra possue, agora, uma sub-agencia da Metro Goldwyn-Mayer, sob a direcção de José Simão.

"Garotas Modernas" inaugurou o Cinema sonóro na Bahia no Cine Gloria, casa de recente construcção e de propriedade de Dr. Simões Filho. A gerencia do Cinema está a cargo de Antonio Rolando.

Ary Lima, que, desde 1927 se encontrava trabalhando para a Metro, passou-se para a Columbia, onde já se acha em actividade, na capital paulista.

E' esperado, antes do fim do mez, nesta cidade, Carl Sonin, da alta direcção da Metro Goldwyn-

VISITANTES. — Estiveram de visita ao Rio, conferenciando com as casas matrizes, os seguintes cinematographistas de S. Paulo: José Ribeiro Guimarães, da First National, Virgilio Castello, da United Artists, Quadros Junior, da Urania, Bruno Cheli da Paramount.

MAY MAC AVOY E L. S. MARINHO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD

Cliff Edwards, (ukulele ike) o homem que sabe cantar na chuva...

(De L. S. Marinho, representante de CINEARTE em Hollywood).

Com Maria Alba, Antonio Moreno, Barry Norton, Andres De Segurola, Vincente Padula e Ramon Pereda, a Paramount fez "Cuerpo del Delito", versão hespanhóla do film de William Powell, "The Benson Murder Case".

E' a febre do film falado em linguas estrangeiras que agora começa a avassalar Hollywood! Sempre uma novidade a empolgar esta gente... A's vezes, palavra, tenho medo de dormir e amanhecer com "mais uma"...

Assisti o film. A historia não é convincente. Mas a declamação é bôa. Agradará perfeitamente aos frequentadores dos Cinemas dos paizes que falem hespanhól. A direcção é fraca. Foram dois, aliás, os directores...

A proposito. Quasi levo uma sóva! A hespanholada daqui andou fula de raiva! Por causa de um artigo que escrevi para um jornal daqui, dizendo que o Brasil não era mercado para films em hespanhol. Porque, até hoje, ainda é considerada lingua estrangeira dentro do paiz...

Não gostaram. Protestaram! Naturalmente, pobres ingenuos, julgavam que hespanhol fosse o substituto requerido para o inglez... Nem hespanholadas e nem inglezadas! Queremos é Brasileiradas!

De

Elles pensam, quasi todos, que o Brasil por estar na America do Sul, é mercado franco para o film falado em hespanhol.

Mas não estará o Cinema Brasileiro vigilante e attento para impedir as aberrações?...

Rosita Moreno proseguindo a faina de catar hespanhóes em Hollywood, é a ultima contractada pela Paramount. Ella esteve na United Artists. Mas parece que, lá, só figurou em photographias de publicidade... Ella e Ramon Pereda, o Philo Vance de "El Cuerpo del Delito", serão o casal do proximo *hablado* da Paramount.

Greta Garbo, no seu proximo film, "Romance", fala um pouco de italiano... Faz ella o papel de uma celebre cantora italiana e fala, como tal, algumas palavras da lingua de Mussolini... O resto será em inglez quebrado. Viva Hollywood, rainha das Babeis!...

A primeira exhibição que

Eu até já o vi no Cocoanut... E, para cumulo, dizem que elle vae trabalhar para a Columbia...

Hollywood é o jogo de bicho deste pessoal todo... Levam no craneo mais bordoadas do que o Jimmie Corey, nos films de Harry Carey. Mas continuam sempre jogando...

Ina Claire, com um restante de cinco semanas de contracto com a Pathé, resolveu acceitar o seu cancellamento. Ella é Madame John Gilbert. E já se diz, mesmo, que fez isso para entrar para o *team* da Metro...

A semana passada começou magnificamente. Não houve nem uma briga nos cafés de Hollywood... Nem mesmo John Gilbert e Jim Tully ensaiaram novo pugilato...

Lane Chandler aos seus admiradores brasileiros.

UMA SCENA DE "EL CUERPO DEL DELITO" COM MARIA ALBA, (COMO VAE MARIA?) BARRY NORTON E SEGUROLA

HOLLYWOOD para VOCÊ

Oscar Strauss fez na America do Norte e em Hollywood... Foi executando uma de suas composições, ao piano, na noite do banquete que a HAFCO offereceu a Jacques Feyder.

Irene Rich com uma braçada de flores, cada qual mais linda... Para onde iria? Ora... Com certeza fazer uma visita ao tumulo do Cinema silencioso...

Vi, no Roosevelt Hotel, Marion Davies dansando com Joseph Sckenck. Se não fosse Gilbert Roland, Norma Talmadge talvez sentisse ciumes...

Ruth Roland já deu inicio ao seu primeiro *talkie*. Chama-se *Reno*. Ruth e Ben, a proposito, completaram já um anno de casados. Isto é um record, sem duvida, muito embora Mary e Douglas já dessem o escandalo de completar dez... Ella manda lembranças á todos os seus *fans* e espera que seu film seja ahi bem recebido, naturalmente em versão silenciosa.

George Fawcett continua escrevendo suas memorias. Provavelmente elle ainda vende o livro e o vê filmado...

D. W. Griffith, já que se fala em memoria, está revivendo Abraham Lincoln. Quando a grande figura norte-americana nasceu, chorou, é logico. Pois foi o Conde Gutelli, o homem dos sons, que forjou o primeiro vagido da maxima preoccupação yankee... E, por isso, está satisfeitissimo! Porque, diz elle, ganhou cincoenta dollares e foi Lincoln durante cinco minutos...

Pauline Frederick resolveu dar treguas aos palcos e aos *mikes*. Vae descançar, completamente. Mas disse que tem uma historia muito interessante a contar aos jornaes... O que será, hein?... Casamento?... Vae deixar o palco... Os *talkies*... Mas, antes de se casar, lembrar-se-á ella do que lhe aconteceu quando se casou com Malcolm Mc Gregor e tinha Laura La Plante por irmã?... *Mingôa de amor*...

June Collyer anda com os cabellos todos encaracolados. A la Jean Darling...

No restaurante Victor Hugo vi Constance Bennett e Edmund Goulding jantando. Iam á uma luta de box e estavam reforçando os musculos...

Jetta Goudal é que bateu a linda plumagem. Viu que as cousas andavam mal e... foi-se... (Mas, pelo amor a Deus, não me façam trocadilhos...)

Pauline Garon foi para New York. O mais engraçado é que, antes della, tinham seguido Lowell Sherman, seu ex-marido e sua nova esposa, Helen Costello... O que será, hein?... Mania de perseguição...

Charles Chaplin e uma pequena desconhecida dansavam no Cocoanut Grove. Naturalmente é mais uma das suas descobertas...

Adolphe Menjou já está de volta. Roncou prosa como o diabo! Disse isto e aquillo. Que Hollywood era dróga! Que estava até aos gorgomilhos! E voltou...

Gary Cooper e Lupe Velez jantavam no Brown Derby. Aliás jantam sempre juntos...

A Universal arranjou oito semanas de ferias para

(Termina no fim do numero).

O Primeiro Beijo de Lelita Rosa...

(FIM)

que o resto depois viria.

Razões tem elle de sobra. Pode ser que não faça elle de "Labios sem Beijo" um Garotas Modernas. Mas eu garanto que elle fará de "Labios sem Beijos", um film ligeiro. Delicado. Alegre e sentimental. Soneto em fórma de cimento armado... E que todos, ao sahirem do Cinema, dirão, satisfeito.

Que bom film!

Depois elle fará "GangaBruta". Uma historia toda do seu feitio. Ahi será outro director.

Elle trabalha com notavel segurança. Não corre. Tudo é feito com methodo e calma. Pode filmar menos de 50 metros! Mas serão 50 metros filmados e realizaveis...

A colloboração de machina, é sua maior preoccupação. Elle sempre procura angulos differentes. Não ha um só quadro que tenha a mesma disposição de *camera*. O espectador verá a machina em posições que não poderá comprehender.

A representação do artista, tambem elle dirige differente. Gracejando. Pilheriando. Usando recursos todo seus. Consegue elle do artista o que quer. A sinceridade do seu pedido é comprehendida nas entrelinhas das suas caçoadas...

E, assim, olhos pequeninos, corpo largado nos braços de Paulo Morano, Lelita Rosa sentiu a sua scena. Fel-a com notavel desembaraço e vida. E elle, o Paulo, tambem foi sincero. Beijou, como se beijasse a sua namoraciada. Abraçou-a, acariciou-a, como se acariciasse o rosto mais amado de toda a sua vida... Eu sei do seu unico e grande caso amoroso da sua vida...

Outra cousa que observei, foi a ordem estupenda em que correu a filmegem toda. Cunho, alias, que já vem sendo official em todas as outras.

Cada qual com a sua obrigação. Tudo muito bem explicavel. Absoluta bôa vontade e camaradagem. Conforto moral intenso para o director. E absoluta garantia para os artistas.

Foi o primeiro beijo de Lelita Rosa e, tambem, a primeira filmagem no Studio. Que aspecto bonito apresentava o *unit!* Todos agindo. *Set* cercado para desviar olhares indiscretos. Sinceridade ordem e respeito absolutos!

Valeu a pena!

Eu queria falar mais. Muito mais. Dizer outras cousas sobre a filmagem. Mas prefiro ficar por aqui.

Lelita Rosa... Eu já a entrevistei, em S. Paulo e não me posso esquecer de suas palavras. Sua bôa vontade e sua sinceridade, no desempenho, são cousas já conhecidas do publico. Mas o que lhes posso garantir é que a Lelita de "Labios sem Beijos", vae ficar guardadinha bem no fundo dos corações de todos os "fans" que forem ás exhibições do film...

Cada vez creio mais no Cinema Brasileiro. Principalmente depois de uma filmagem assim com um elenco assim, um ambiente assim...

Perdoe-me o poeta. Mas tudo aquillo lembrava, sem querer, a perfeição de uma de suas rimas...

Anita Page fala dos segredos da belleza

(FIM)

sivelmente um fio do outro. Porque, como na maioria dos casos, englobam-se, pelo excesso de liquido, dois e mais fios e, assim, fica aquillo parecendo pestanas de gente doente... E' um trabalho, este, que requer paciencia e habilidade. Porque, no film delle, se fôr bem feito, apresenta fios compridos e todos separados que fazem com que as pestanas se transformem em admiraveis attractivos de belleza.

Anita delineia as sobrancelhas com um lapis. Porque são muito debeis e pallidas e, assim, accentuam-se mais. Um dos motivos da belleza de Anita é justamente o traço firme e bem marcado das suas sobrancelhas, das quaes ella cuida com carinho e esmero.

Ornando sua cabecinha adoravel, está a sua cabelleira de ouro. E o carinho com que ella trata o seu cabello é extremado. Conserva, sempre, as ondas naturaes. Reparte-o a direita. Quando quer dar a impressão de bondade e piedade, reparte-o ao meio. Ella lava sempre seu cabello. Quasi diariamente. Porque aquillo dá o vaporoso necessario ao penteado. E secca-o sempre ao sol.

O sabão, para a pelle, é uma das cousas principaes.

Quando vem da filmagem, ella tira a sua maquillagem com creme Daggett & Ramsdell. E, depois, um pouco de Kleenex. Para lavar o rosto, em seguida, emprega ella sabões Lux ou Palmolive. As suas propriedades alcalinas não devem assustar ninguem. São os melhores para a pelle. O perfume de sua preferencia, é L'Origan, de Coty, para o dia. E, para a noite, Gerly.

Os seus dentes, escova-os ella pela manhã e á noite com Sanatol. E, antes de se deitar, com agua morna, apenas. Sempre limpa a bocca com agua morna quando toma qualquer refeição. Não aprecia as unhas excessivamente compridas. Corta-as em tamanho natural. Tambem não aprecia o verniz demasiadamente accentuado. Aprecia mais os ingredientes para polil-as.

Em materia de vestidos. Anita é o typo da pequena para as reuniões nocturnas. Ella adora os jantares e capricha nos vestidos para taes occasiões. O velludo escuro é sua fazenda predilecta para vestidos de depois do sol ou ceias. Ella sempre faz um vestido de passeio para cada vestido de velludo preto ou bem escuro que escolhe.

Em materia de joias, Anita é singela e pouco exigente. Emprega sempre joias de prata ou platina. Não aprecia ouro. Tem um bracelete favorito que usa sempre com intenso carinho. No seu pulso esquerdo usa ella um relogio. Ella aprecia muito brilhantes e perolas.

Ella não é partidaria das pernas núas. Prefere tel-as dentro de meias de sêda côr de carne. No emtanto, para suas partidas esportivas, sempre emprega sandalias de borracha e não usa meias.

Em materia de chapéus, sempre usa os da moda. Mas nunca se dedicou á moda de chapéus atirados para o lado ou excessivamente ao alto da cabeça. Emprega poucas roupas internas. Acha que quanto menos traga mais bem á sua saude faz. Apenas duas peças a cobrem, fóra o vestido. A menos que tenha festas importantes ou bailes de praxe, deita-se ella, sempre, em dias de semana e de trabalho, ás nove horas.

Anita gosta de ir a Cinemas. Aprecia muito a dansa. Agora está aprendendo tango. A sua musica predilecta é a hespanhóla. Fala claramente e pronuncia soberbamente suas palavras. Sua voz é quente e nada tem de estridente. Costuma perfumar toda a sua roupa interna.

E' pouquissimo affectada. E, creiam, é uma das raras artistas simples e sem pose que tenho visto.

O Pareo da Honra

(FIM)

Depois, sem que elle soubesse, começou ella a recorrer a generosidade de outros amigos, mais ou menos idosos, que ella chamava de "paezinho" e acariciava...

Pobre Jim!

Veio o fim.

Jim roubou. Apoderou-se de 3 mil dollares. Deu-o á esposa.

— Joga em Billy. Elle ganhará! Pagaremos todas as dividas e ainda terás o quanto queiras, querida!

Beijou-a. Ella o beijou como nunca! Como só o beijára naquelle dia...

Sahiu.

Jim ficou só pensando na indignidade do seu roubo...

Houve dias de intervallo.

Num delles, diante de Jim, surgiu Billy

— Hello, Jim!

Tel-o-ia perdoado?

Jim ergueu-se. Estirou-lhe a mão.

— Enganas-te!

Jim surprehendeu-se.

— Sei tudo acerca dos 3 mil dollares...

Jim atirou-se a elle.

— Sabes?

Billy olhou e sorriu.

— Sei e... vou perder...

Jim sentou. Pesadamente. Vencido.

— Disse que tu me pagarias. Has de me pagar!

E estava para sahir. Quando tomava a porta nas mãos, ouviu uma phrase lenta e pesada. Séria, embrulhada em lagrimas...

— Se perderes, mato-me!!!

—O—

Foram dias e dias de duvida. Billy não sabia se entregava-a corrida ou se vencia.

Depois resolveu. Lembrou-se da sua infancia. Viu que uma mulher não bastava para separar uma amisade assim solida e grande...

Resolveu vencer.

—O—

Quando montou, Billy estava fraquissimo. O jejum que fizéra, para perder, tinha-o anniquilado. Mas queria vencer. Partiu!

Todos sahiram. Billy sahiu por ultimo. E Jim, arma na mão, sentiu que aquillo era o principio da vingança...

A luta foi medonha! Quasi cahindo, lutando, Billy approximava-se da méta final Afinal, num impeto, alcançou o ponto de chegada.

Vencera!

—O—

Mas era tarde. A policia já descobrira tudo. Tomára o dinheiro á esposa de Jim. E elle, por desvio de dinheiro, fôra preso e condemnado a seis mezes de prisão...

—O—

Ao fim da pena, quando sahiu, Jim encontrou apenas uma figura, do lado de fóra do portão, que o esperava. Era Billy.

— Billy!

Abraçaram-se. Choravam.

— Perdoa-me. Fui o ultimo dos indignos para comtigo, bem sei...

Billy consolou-o. E, conversando, foram para casa.

Abriu-se a porta. Jim apenas viu um vulto que se esgueirava pela janella e Marie que, apressada e toda em desalinho, desculpava-se.

— Era o homem da Companhia Telephonica...

Jim deixou-se cahir sobre a poltrona proxima. Nem a olhou e nem respondeu. Foi Billy que, rapido, escancarou a porta e lhe gritou.

— Get out!

—O—

Marie sahiu. A' porta, riu. Um riso canalha. Symbolo a denunciar o seu futuro...

Juntos, sós, Billy e Jim abraçaram-se.

— Ainda me tens amisade, Billy?

E combinaram, juntos, novos planos para viver e vencer o passado que já ia distante...

Loucos de Amor

(FIM)

Depois salta sobre seus joelhos. Meiga e e exaggerada, ferra-lhe logo uma mordida na orelha.

Duke estremece. Aquella especie de carinho ainda não conhecia... Mas vinga-se. Beija-a com mais força do que aquella que empregou no murro que atirou Raoul ao chão...

— Você, Fifi, é... é... Simplesmente! Adoravel!

Gagueja.

— E você... Meu "big boy"...

Tornam a entrar em clinch.

Estavam assim apostando quem beijava mais quando, importuno, entra, pelo quarto a dentro, Charlot Gouset. Vem experimentar, para Fifi ouvir, a canção que compoz para o casamento de Babette, a irmãzinha della. Elle e Duke encaram-se

— Tu não és...

— Sou, sim!

Abraçam-se. Tinham sido companheiros de trincheira. E, assim, alegre fica a pequena reunião.

— —

Duke e Olsen, convidados para o casamento, chegam. Mas vêm num taxi tão arrebentado, tão parisiense...

Ali estão todos reunidos. O bairro em peso. Ha uma charanga que executa musicas horriveis. Duke e Axel, miolos quentes de alcool, vão se chegando ás pequenas. E, em poucos segundos já não são poucas as que ferravam os dentinhos na orelha adoravel de Duke e não poucas as que arrancaram os poucos fios de cabello de Axel Olsen...

O casamonto está para se realizar. Mas só ha uma difficuldade. E' que o noivo, desesperado, chora em altos brados.

— Minha noiva! Pobrezinha de minha noiva!

A curiosidade é geral.

E' que ella, de facto, coitadinha, estava ao lado, num carramanchão, aos beijos e carinhos com o terrivel Axel Olsen, seu novo apaixonado...

Ao lado, aos beijos, está outro casal. São Fifi e Duke. Amam-se terrivelmente, tambem.

O escandalo é geral.

E, num instante, emquanto os homens e moços do bairro procuram os porretes e as armas para attingir aquelles conquistadores perigosos, já longe estão elles, não se lembrando mais Duke da existencia de Fifi e nem Olsen de Babette para só se lem' rarem de que muitas pequenas ainda existem, em Paris, que gostam de morder orelhas e arrancar cabellos de cabeças quasi carécas...

A mulher domada

(FIM)

seja dado á pobre Katherine... Mas estaria ella vencida?...

Não! A fibra de Katherine era demasiadamente rija para ser assim vergada ao sopro apenas de uma brisa forte...

Os tufões, apenas, conseguiriam vergal-a... E Petruchio, afinal, não passava de um ventozinho muito brando e innofensivo...

Depois, para cumulo, ella sabia perfeitamente que elle fazia aquillo tudo por plano para dominal-a. E recebia, assim, aquillo mais odiosamente ainda.

Mudando de tactica, após uma noite de vigia, Katherine, no dia seguinte, approximase de Petruchio. Bem docil e meiga. Passiva e obediente.

E' logico!

Petruchio envaidace-se dos seus methodos de dominar as mulheres. Sente aquella humilhação de sua esposa como a maior prova de que ella está virtualmente anniquilada pelos seus caprichos e asperezas...

Os homens são sempre assim... Desde os tempos de Petruchio, em Padua, até hoje, quando ainda pensam que podem dominar as Sue Carol e as Alice White que por ahi andam a se fingir de Lillian Gish e Janet Gaynor só para transformar a gente em Edward Martindel e Albert Gran...

Petruchio annuncia uma festa e convida meio mundo.

— Senhores... Senhoras... Aqui está Katherine. Era furiosa. Geniosa. Uma megerazinha, em summa... Dominei-a com meus methodos infalliveis... Não é, Katherine?

— E'...

Humilde. Olhos no chão. Ella respondeu.

— E, assim, vae ella contar quaes são as regras da mulher que obedece cegamente seu marido...

Katherine, humilde, vencida, chega-se á frente e, parecendo-se com creança de grupo que vae recitar o seu monologo, diz uma serie de leis que terminam com a phrase.

— O marido é o senhor. Da vida e da alma da esposa!

Reunem-se, apressados, os homens e levam Petruchio para um canto.

— Qual é o remedio, hein?

E, emquanto isto, perigosa e damnada, Katherine, numa piscadela mais maliciosa do que todos os detalhes de um film de Lubitsch, diz ás mulheres que a cercam pasmas da sua mudança...

— E' muito melhor obedecer. Porque depois, com beijos e caricias, elles vão fazendo tudo aquillo que a gente quizer...

E' por isso que até hoje existem Petruchios e Katherines. Mas somente os tolos serão Petruchios. Porque é possivel que algum mortal se convença de que um homem é capaz de dominar uma Clara Bow ou uma Joan Crawford?... Nem todos os homens juntos!!!

O Filho dos Deuses

(FIM)

recanto maravilhoso. E para completar esse encantamento appareceu, tambem, na vida de SAM LEE uma deliciosa creaturinha loira que em pouco se sentia preso ás extravagancias do seu temperamento. E gostando embora, desde o primeiro instante, da joven ALLANA, SAM LEE procurou esconder-lhe tudo que se lhe passava no intimo, affectando mesmo a maior indifferença por ella. ALLANA esse o seu nome — por sua vez, sentia no retrahimento de SAM LEE a indifferença dos que não gostam... E ferida no seu amor proprio, mais e mais procurava enleial-o na teia da sua seducção, envolvendo-o nos seus mais ternos e mais doces carinhos. Em vão. SAM LEE procurou reagir, contrariando mesmo a propria inclinação do espirito e abafando todos os gritos do coração... Mas acabou cedendo... E entre elles o Amor começou a escrever as suas mais lindas paginas... De uma feita, quando dos seus idyllios mais delicados e vestidos de maior poesia e belleza com ALLANA, SAM LEE já consciente de que aquelle amor era uma vertigem — perguntou-lhe se importaria de casar com um homem que tivesse religião differente da sua...

ALLANA pediu-lhe para não insistir nessa pergunta que classificou de disparatada, assegurando-lhe que nenhuma força humana teria poderes para arrefecer-lhe aquella paixão, tão escaldante e absorvente. Mas se assim ALLANA promettera assim não fez porque, logo na tarde seguinte, sabendo por seu pae que SAM LEE era chinez, cheia de revolta, vibrando de colera e de indignação, precipitou o encontro que ia ter com elle e na casa de chá mais luxuosa e mais concorrida da cidade, ante a estupefacção de quantos ali se achavam, transfigurada, vibrou-lhe em plena face duas chicotadas tremendas, apoupando-o assim: "Chinez maldito!... E eu que não sabia que você era um desprezivel amarello!..."

—o—

O escandalo que estoirou com ruido chegou, pelas asas tão vertiginosas do telegrapho, a Nova York. E com o mesmo ruido invadiu o palacio do velho chinez que não resistiu á emoção avassaladora, tombando para sempre... SAM LEE, a alma afogada em desespero e os olhos em pranto — regressou a capital americana, angustiado, pedindo ao seu Deus que lhe desse coragem para supportar o transe amargo que começava a viver. Lá encontrou a desolação, o luto, o abandono. O velho fôra sepultado na vespera de sua chegada. Nada mais lhe restava daquelle pae amigo de sempre senão a saudade immensa que o invadia e aquellas palavras que jamais lhe sahiam dos ouvidos: — Não te esqueças que és "O FILHO DOS DEUSES".

—o—

A morte do seu velho pae em consequencia do escandalo que ALLANA provocara fez-lhe crear no coração as raizes fundas de odio de morte pelos brancos. Jurou a seus deuses que jamais faria o Bem quando podesse fazer o Mal... Mas como quem manda em nós é Deus elle, em pouco teve de romper esse juramento... E' que ALLANA, arrependida de quanto fizera, empregara todos os esforços na ansia de rehaver-lhe o amor, sem resultado. Em vão o procurara e desilludida, céga de desespero enfermou gravemente. E entre a vida e a morte — a infeliz caminhava mais para as trevas desta, distanciando-se das claridades daquella, tendo um só pensamento e pronunciando uma só palavra: SAM LEE!... O pae de ALLANA rogou ao chinez revoltado, as mãos supplices, os olhos cheios de lagrimas, que a fosse vêr, uma vez ao menos, pois isso concorreria para salval-a. SAM LEE, alma bem formada, comprehendendo a angustia daquelle pae foi vel-a, deixando-a abraçal-o e beijal-o, sem que lhe fugisse do pensamento a perversidade della, naquelle dia terrivel..

— —

Emquanto isso a joven ALICE HART, que fôra secretaria do velho chinez trazia ao palacio de SAM LEE um seu tio que ha longos annos atraz fôra policial e que tinha uma novidade de interesse para lhe contar. E contou-lhe, afinal, que elle SAM LEE não era filho do chinez millionario e sim fôra somente creado por elle, desde a mais tenra idade. E descendo a detalhes descreveu como acontecera tudo: o velho sem filhos, implorava aos seus deuses a graça delles lhe mandarem um. E por coincidencia impressionante, nesse mesmo dia, appareceu no vestibulo do Palacio aquella creança, isto é, SAM LEE...

— —

Uma tarde, despreoccupado, mas o pensamento envolvendo a adoravel mulher que tão perversamente se conduzira — SAM LEE gosava a tranquillidade ambiente do seu Palacio quando ALLANA appareceu. Vencida a natural estupefacção que o assaltou, SAM LEE avançou contra ALLANA para fazel-a retirar-se, não o podendo fazer, deixando-se vencer mesmo, pelas palavras e pelas lagrimas cheias de sinceridade com que ella o empolgou e que bem traduzia assim: — Aqui estou eu arrependida, SAM LEE. Aqui estou eu com todo o meu amor para o teu amor pois sem elle é-me impossivel viver".

Um longo beijo, beijo em que mais que dois labios se apertaram, mas em que duas almas se fundiram — marcou o fim de tantas amarguras e o alvorecer de uma felicidade muito maior do que todas as felicidades já existentes na terra!...

(De Barros Vidal especial para "CINEARTE").

Mary Pickford conta quem ella é

(FIM)

apreciando e depois de amanhã já merece a nossa confiança e amizade...

— Creio, sinceramente, que nesta vida não nos devemos mostrar contra ninguem. Porque a nossa vida, aqui, é toda do corpo. A nossa alma não é daqui.

— Por exemplo. Estamos aqui. Converversas commigo e me contas cousas. Conto-te outras. Mas minha mente, longe de ti, está voando. Ao lado de Douglas, conversando com elle. Ou procurando ouvir a voz de minha mãe, longe, tão longe de mim... De que vale a presença de meu corpo? Não estou eu em alma legôas e legôas distante?...

— Não temo o futuro.

— Nem a devastação que a idade produza no meu corpo e na minha apparencia.

— O que sinto que é em mim obsecação, é o desejo que tenho de me dedicar aos outros. De ter outros entes sobre minha protecção. Porque quero, um dia, quando amortecer minha fama. Quando morrer meu nome. Quando fraquejar minha coragem. Ser revivida pelas minhas acções e obras. E, ainda, ler o successo da minha bondade na gloria dos que protegi e amei, quando ainda tinha a luz da mocidade e do entendimento.

— Não temo absolutamente a morte.

— Sinto, embora não o queira, que a morte me attráe.

— Tenho, de minha mãe, os mais curiosos sonhos. São mais do que sonhos. Não pensei que jamais pudesse ouvir-lhe a voz e sentir-lhe as caricias, de novo. Nos meus sonhos, sinto suas mãos amorosas e ouço sua voz de velludo. Ella está bem. No céo, sem duvida.

— Certa vez, lembro-me, perguntei-lhe em sonho, aonde me achava quando, dormindo, falava com ella. E ella me disse, calma e admiravel, que ella estava commigo e eu com ella, cada vez que eu fizesse uma bôa acção ou tivesse um pensamento, santo. Disse-me que sabia que eu me sentia infeliz sem a sua companhia. Mas que devia ter paciencia. Porque, quando morresse, teria, como todos do outro lado têm, uma protecção santa e divina contra a maldade e a inveja.

— Em outro sonho, depois, entregueilhe minhas mãos e lhe pedi que me levasse para onde ella estava que era o lugar de paz e descanço que eu muito almejava. Acariciando-me, branca e meiga, nuvem vaporosa, disse-me ella, calma e simples: "Não digas isto. E' perigoso e prematuro"...

— Sei que aprecio a fama.

— Não pelo dinheiro que me dá. Não pelas glorias externas. Mas pelo senso do que consegui com a minha pessôa. Com meu rosto. Commigo propria.

— Cança, quasi sempre, a lida pela fama. Ser famosa, é viver, para o sempre, exposta em gaiola de vidro... Nunca nos podemos livrar dos olhos e das boccas... Sei que já me accusaram de orgulho. De convencimento. De cousas taes e outras. Quando, quantas e quantas vezes, penetrando um recinto qualquer, temia eu ter as meias enrrugadas ou cahindo e, o que era peor, o nariz lustroso e sem pó de arroz... Perseguida por taes idéas, é logico que nem me lembrasse de saudar esta a direita ou aquelle a esquerda. E por isto chamaram-me orgulhosa e convencida...

Ha annos passados, eu e Douglas estivemos na Europa. Tivemos recepções adoraveis, durante as quaes, e no final das quaes, tinhamos as boccas cançadas de tanto sorrir e os pescoços quasi duros de tantas curvaturas... Estavamos exhaustos. Precisavamos de um logar onde não fossem conhecidos Douglas Fairbanks e Mary Pickford.

— Fomos para uma pequena aldeia de Hollanda. Ninguem nos foi esperar á estação. Ninguem nos deu a chave da cidade. Todos os deputados e juizes de paz, do local, achavam-se perfeitamente socegados.

— Fomos para o hotel e não tivemos o melhor appartamento. Sobre a cabeceira, não estavam flores. Nem vélas bonitas e vistosas. Não houve chamados telephonicos. Ninguem nos convidou para passeios. A attenção minima não merecemos do mais insignificante dos servos.

— Os rostos, nas ruas, não nos sorriam. Ninguem nos ligava a minima importancia.

— Um dia olhámo-nos. Douglas disseme: "Mary, estás te divertindo?..." Sorri. "Já me diverti muito mais, confesso"...

— Concordámos em ir para onde nos conhecessem e para onde nos fizessem ficar de bocca cançada e riso automatico...

— E fomos para Paris...

— Agora, tempos passados, reflicto que o que faltava era o amor que tenho e Douglas tambem tem ao publico.

— Gosto de festas e recepções. Gosto de estar ao lado de gente de Cinema. Ouvir-lhe a tagarelice adoravel. Se me tirassem de Hollywood acho que morreria desambientada...

O Bem Amado

(Conclusão do numero anterior)

te... Apenas um echo! Atirou-se ao leito. Mordeu o travesseiro. Soluçou estupidamente, longamente, immensamente, até que lhe lhe sahisse o fel amargo da desgraça diluido todo em pranto...

Depois ella se ergueu. Sustendo o pranto, como se a vida, mesma, cessado houvesse, atirou-se ao cravo. E quando Armand montava, para partir, ouviu a sua canção:

— How can you be so charming,

When you're breaking my heart in two...

Saltou. Galgou o muro. Alcançou a sacada. Esperou a canção. Quando ella chegou ao estribilho, apanhou-a e terminou-a, cheio de sentimento e de paixão. Cantou com voz quente. Com toda a suavidade do seu amor... Abriu-se a janella. Elle entrou.

— Não me importa quem sejas! Amo-te! Sou tua! Faze o que de mim queiras!...

E beijaram-se. Abraçaram-se como se se fossem amparar pela vida afóra...

Houve um grito de mulher. Depois um rumor agitado de passos Eram soldados realistas

— Depressa!

E fechou a porta. Apagou as luzes. Na semi-escuridão ella, baixinho, perguntou, afflicta:

— Quem procuram?

— Á mim... E, parece, apanharamme!...

Haviam cercado o castello.

— Mas... Quem és?

Armand ia responder. A voz de Degrignon, do lado de fóra da porta, gritou, surdo e colerico.

— Armand de Treville! Renda-se!!! Em nome do Rei!!!

— Armand de Treville...

Murmurou ella, escorregando ao longo da parede, até ao sólo.

— Leonie! Nada tem nosso amor com Imperadores ou Reis! Amo-te. Tu me amas. E...

— Leonie resolveu-se. Rapida, ganhou a porta. Escancarou-a. Entraram Degrignon e seus homens. Armand ganhou o quarto de dormir da menina. Atraz da parede, esperou o primeiro homem. Num arranco, tomou-lhe a espada e espetou-o, em seguida. Depois, armado, cahiu defronte a Degrignon

— Rende-te!

— Temo aborrecel-o. Mas meu Imperador está em Cannes. Precisa de mim...

Atiraram-se em duelo terrivel. A Condessa subiu as escadas. Vendo a luta, rapida, num salto, ganhou a porta, de novo, e, sobre os soldados que já subiam, rapidos, em soccorro do chefe, atirou. Estacaram elles. Armand, vendo a acção de Louise, tirou o bote decisivo e desarmou Degrignon. Depois lhe disse, rapido.

— Poupo-lhe a vida. Mas com uma condição. De dizer á menina que se acha no quato vizinho que, ainda que assim tenha agido, continua sendo, para mim, a mulher mais linda que já vi em minha vida...

Os soldados arrombaram a porta. Leonie gritou. Louise tambem. Armand, gritando:

— Minhas senhoras, adeus!

Saltou. E, espaldeirando alguns soldados que lhe surgiram á frente, sahiu, noite afóra, diante da lua, cantando, heroico e admiravel, a canção da Velha Guarda que sempre o animava na luta tremenda que ostentava...

Dias depois, em Grenoble, no seu acampamento, Louise procurou Armand.

— Leonie e Degrignon seguiram para Londres!

— Imossivel!

— Verdade. Casam-se. Leonie acceitou a sua proposta...

— Impossivel!

— Não. Nada é impossivel para a mulher que se sente ferida no seu orgulho...

— Então jamais me amou!

— Ao contrario. Prova, com isto, o quanto te ama!...

— Irei! Seja para onde fôr!

Louise olhou-o. Não lhe disse que não...

Com um lenço elle lhe tapou a bocca. Disse-lhe, baixinho, emquanto ella esperneava:

— Desta feita, minha esperta, não me trahirás..

Era uma estalagem em Calais. Em baixo, para circumstantes, Degrignon contava quantos Imperialistas liquidára... E, sem ser visto, Armand subira as escadas e, no quarto de Leonie, raptava-a.

Quando, ao luar, cavalgavam, ella ainda amordaçada, Degrignon contava, satisfeito, ao estalajadeiro, ambos já avinhados, que lhe custára o diabo tirar a noiva das garras de um tal Armand de Treville...

Leonie sorriu. Armand já lhe vinha sorrindo desde que a amordaçára... Desamarrando-a, emquanto caminhavam, socegados e livres de perseguições, Armand cantarolava. "How can you be so charming"...

— Bonapartista... Odeio-te! Mas, meu Armand, a ti... Amo-te! Adoro-te! Sabia que tu me virias buscar! Fugi de ti porque temia. Mas, depois, passei a odiar o meu temor...

Beijaram-se. Concertaram planos para annos de vida e de felicidade, juntinhos pela vida afóra. E, emquanto continuavam aos beijos e ás caricias, a lua, lá de cima, espiava-os, com seu rosto redondo e, meiga, guardava-lhes os segredos perfumados...

OCTAVIO MENDES

Jeanette a alvorada do amor

(FIM)

é bom para aquelle que sonhar casamento commigo...

O seu maior enthusiasmo em Hollywood, foi Maurice Chevalier. Acha-o admiravel e um companheirão para se trabalhar junto. Generoso. Delicado. Attencioso. Cheio de vida e humor. Ella o acha simplesmente formidavel!

A sua carreira em Hollywood é agora que se inicia. Não se póde dizer que ella seja maior do que as maiores. Mas as grandes, de hoje, difficilmente fizeram um primeiro film como o primeiro em que ella figurou, ao lado de Ernst Lubitsch e Maurice Chevalier...

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1.037. Officinas: 8-6247.

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

Jim Tully está escrevendo os dialogos de "Trader Horn", da Metro Goldwyn.

* * *

Richard Talmadge, ha tempos parado, volta, com "Yanke e Don", da Universal, a fazer uma serie de films falados.

* * *

Gavin Gordon (conhecem este cavalheiro?) é o galã de Greta Garbo em "Romance". Levis tem o segundo papel masculino do film. E ella que, antigamente só se deixava beijar por galãs como John Gilbert e Nils Asther...

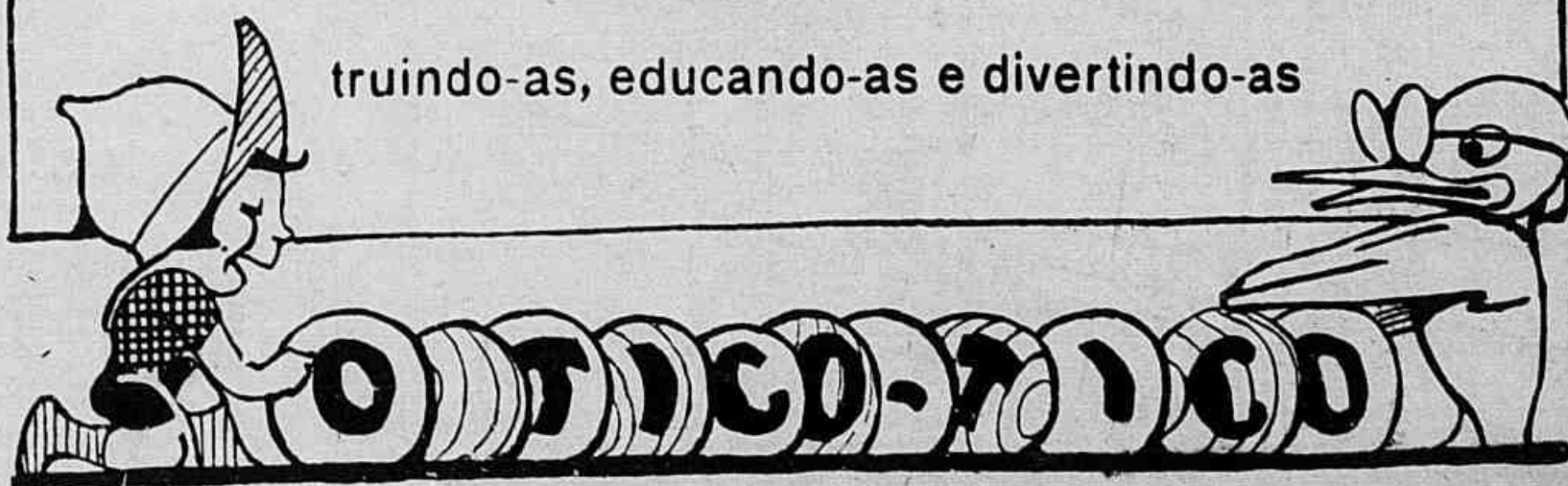
* * *

William J. Craft deixou a Universal e assignou contracto com a Tiffany.

* * *

"Feet First", da Paramount, tem Horold Lloyd no principal papel. E é, tambem, a sua segunda comedia synchronizada e falada.

INTERESSAM AO SEU MARIDO AS DEMAIS MULHERES?

Toda a esposa se sente ferida quando vê que o seu marido olha para uma jovem de cutis mais bella que a sua. Essa esposa sabe que já não é tão fascinadora como o fôra quando o amor começara a florescer. Não obstante, nada teria ella por que temer se houvesse tomado a precaução de fazer com que á superficie da sua pelle viesse resplandecer a encantadora cutis que ella possue debaixo da envelhecida. E' preciso fazer desapparecer a cuticula exterior gasta, o que se consegue por meio da applicação da Cera Mercolized. Esta substancia é encontrada em qualquer pharmacia e applica-se á noite, antes de deitar-se. Procedendo assim, rapidamente se recupera a cutis juvenil e com ella todo o seu feminino poder de seducção.

NOVIDADES PARA 1930

FIGURINOS

Paris Elegante — Um dos melhores jornaes de modas, com lindos contos e paginas coloridas.

La Femme Chic — Trazendo as ultimas creações, com varias paginas a côres.

Chic Parisienne — Creação das melhores casas de Paris, Vienna, etc. Innumeras paginas com modelos coloridos.

La Mode Parisienne — Figurino de grande formato, trazendo uma folha de riscos para cortar moldes.

Modas y Pasatiempos — Bom figurino, apesar do seu baixo preço. Traz folha de riscos para cortar moldes, riscos para bordados, arranjos de casa, etc.

Record — Lindo figurino, de pequeno formato, colorido, com folha de riscos para cortar 5 moldes para senhoras e 1 para creança.

Revue des Modes — Figurino de pequeno formato, com varias paginas a côres, trazendo folha de riscos para moldes.

Weldons L. Journal — Com moldes cortados dos modelos da capa, trazendo a descripção dos modelos em varios idiomas, inclusive o portuguez.

Paris Mode—Edition Gaston Drouet, de Paris — com varias paginas coloridas, trazendo um molde cortado.

ALBUNS DE GRANDE FORMATO PARA VERÃO — 1930

Saison Parisienne — **Revue Parisienne** — **Grande Revue des Modes** — **Tout La Mode**, creation Gaston Drouet, com lindos modelos — **Album Pratique de La Mode** — **La Mode de Eté** — **La Parisienne** — **Les Patrons Favories** — **Juno** — **Astra** — **Juno Esplendid** — **Fashion Quartely** — **Butterick Quartely** — **Weldons Catalogo Fashion** — **L'Elegance Feminine**, lindo album todo colorido.

FIGURINOS PARA CREANÇAS

Weldons Children's, com moldes cortados — **Paris Enfant** — **Les enfants de la Femme Chic** — **Enfant Juno** — **Jeunesse Parisienne** — **La Mode Infantil** — **Enfants des Jardins des Modes**— **Star Enfant**, com lindos modelos para a estação.

FIGURINOS PARA ROUPAS BRANCAS

Lingerie des Jardins des Modes — **Lingerie Elegant** — **Lingerie de Juno** — **Lingerie de La Femme Chic**, etc.

Nossos amaveis freguezes poderão honrar-nos com o prazer de sua visita, pois, além destes, possuimos innumeros outros jornaes de modas, sendo impossivel ennumeral-os todos. Grandes sortimentos de jornaes para bordados. Albuns para filet, tricot, crochet. Modeles des Ouvrages, etc. Apesar do grande augmento soffrido em quasi todas as publicações estrangeiras, continuamos a vender o nosso artigo pelos preços antigos.

ULTIMAS NOVIDADES EM LITERATURA

FRANCEZA — Maurice Barrés, **Un jardin sur L'oront**; Ernesto Perochon, **Les Creux des maisons**; Georges Sim, **La Femme qui Tue**; Maurice Barrés, **Mes cahirs**; Alexandre David, Noel — **Mystiques et Magiciens du Tibet**; Octave Honberg, **L'Ecole des colonies**; etc, **Collection La Liseuse**, temos todas as obras publicadas.

HESPANHOLA — V. Stefansson, **Un año entre esquimales**; Antonio Espina, **Luiz Candelas, el bandido de Madrid**; Pierre Loti, **Pekin**; Juan Zorilla, **Los principes de la literatura**, **La mode Siglos XIX-XX**; Martins Gusman, **La sombra del candilo**; Gerhard Rohlfs, **Através del Sahara**; etc., etc.

PORTUGUEZA — Orlando Rego, **Manual do Charadista**; Britto Pereira, **Contabilidade de conta corrente**; Alice Leonardos S. Lima, **Ouvindo Estrellas**; Malba Tahan, **Lendas do Deserto**; Ardel, **Coração de Sceptico**; Claudio de Souza, **De Paris ao Oriente**; Peregrino Junior, **Pussanga**; G. Acremente, **Serracena**; Jugurtha C. Branco, **O Brasil em Cuecas**; Cervantes, **D. Quixote de la Mancha**, obra de grande vulto, com illustrações de Dorét. Publicados 1º e 2º fasciculos. **Historia da Literatura Portugueza**, publicada sob a direcção de Albino Forjaz Sampaio. Publicado o 1º volume.

A correspondencia do interior deve vir acompanhada do sello para a resposta e dirigida directamente á

CASA BRAZ LAURIA

RUA GONÇALVES DIAS, 78

Telephone 3-5018 Rio de Janeiro

Cinema de Amadores

(FIM)

no tempo o menor possivel. Na pratica, toda lente possue certas distracções inherentes a si mesma, e que se chamam **aberrações**, mas é impossivel ou melhor, desnecessario concertal-as, de modo que esses pontos onde se produzem essas aberrações não são propriamente pontos, mas circulos, muito pequenos.

A imagem é pois um verdadeiro mosaico de circulos infinitamente pequenos, denominados os **Circulos de Confusão**. O nome é muito apropriado, porque é proporção que o tamanho desses circulos augmenta, a imagem se torna mais e mais confusa, especialmente quando gravada sobre o film e mais tarde ampliada sobre a téla de projecção. Vê-se pois o cuidado que requer a focalização, já que a imagem melhor definida é aquella cujos circulos de confusão são do menor diametro possivel. A montagem da objectiva já traz a apparelhagem para se realizar essa focalização. Essa apparelhagem consiste naquelle anel movel, que afasta ou approxima a lente, quando se o faz rodar, para a direita ou para a esquerda. Aliás esse movimento necessario á focalização está cuidadosamente indicado na **escala de fóco**, por meio de numeros que indicam onde a lente deve ficar, quando se deseja que a imagem de um objecto dado, **a uma certa distancia**, appareça clara e bem definida sobre o film. Essa escala foi muito bem calibrada pelo fabricante da objectiva, e precisa por isso ser seguida ao pé da letra.

A' proporção que o objecto, a ser focalizado pela lente, se afasta da objectiva, o angulo sob o qual os raios se encontram, na superficie dessa lente, se torna cada vez mais agudo.

Por ultimo, quando uma certa distantancia é attingida, esse angulo se torna praticamente constante. Si pois o angulo, sob o qual os raios encontram a lente, não varia, a lente continua a dirigir esses raios sempre na mesma direcção; por consequencia a imagem permanecerá sempre a uma distancia invariavel, por trás da lente, mesmo que o objecto considerado continue a afastar-se. Diz-se então que o objecto já attingiu **uma distancia infinita**, e que a lente está **focalizada ao infinito**.

Nas lentes de F. 3,5 que são as mais empregadas nas camaras de amadores, desde que o objecto esteja a uns 10 metros, essa condicção está prehenchida.

Nas camaras que usam film de 16 mm., é facil determinar a caracteristica focal de cada lente. Focaliza-se a lente **ao infinito**, e então mede-se a distancia que vae da lente á imagem que apparece sobre o film, melhor definida. Essa distancia será um attributo permanente da objectiva, podendo ser chamada a **distancia focal da camara**.

A distancia focal das camaras de 16 mm. é de mais ou menos, 25 millimetros. A distancia focal não é porém o que torna uma lente superior a outra. Dahi, não ter sido essa distancia escolhida pelos fabricantes por causas ou razões particulares, mas apenas porque a imagem reproduzida sobre um quadrinho de 16 millimetros de largura, por uma lente collocada exactamente a uma distancia de 25 millimetros desse quadrinho, abrange um campo de visão exactamente semelhante ao abrangido pela vista humana.

Saudade

(FIM)

Iwan vae, entrementes, á pensão russa, onde encontra, no salão de visitas, diversas cobeilles de flores, todas com o cartão do banqueiro Grillot e destinadas á Lydia. Iwan se convence, então, que a sua permanencia em Paris não tem mais razão de ser e resolve voltar á sua patria.

Mas naquella noite em que Iwan pretende despedir-se do general e de sua filha, acontece algo de anormal: sabe-se que o principe Rani fôra preso por ter perdido com especulações na bolsa os dinheiros provenientes da venda das joias que os refugiados russos lhe tinham confiado. Lydia ainda procura occultar esta noticia ao seu velho pae, que já se recolhera ao seu aposento. Mas já não havia mais necessidade de occultar-lhe este facto desagradavel, pois o pobre do general foi encontrado morto, inclinado sobre um mappa da Russia. O fiel militar morrera de saudade...

Agora, Iwan já não volta mais á Russia, pois não quer deixar Lydia sózinha, sem meios para manter-se. Ella muda-se para a pequena pensão onde tambem mora Iwan. Este consegue um emprego mal remunerado como estivador, mas Lydia, apesar dos seus esforços, não conseguiu nenhuma collocação. O banqueiro Grillot vê na situação afflictiva da gran-duqueza uma bella opportunidade para fazel-a sua amante, mas é repellido energicamente pela desventurada moça.

Iwan e Lydia resolvem então voltar á Russia. Quando já se acham novamente no seio da patria, encontram novos obstaculos. Em uma pequena hospedaria onde pretendem pernoitar, são intimados pela autoridades locaes a prestar declarações. Iwan mostra apenas as suas mãos rugosas e prova com isso a sua qualidade de homem do trabalho. Mas quanto á Lydia, o caso já é mais complicado. As autoridades exigem a apresentação dos seus papeis.

A proprietaria da casa, temendo um escandalo, resolve a situação de modo original: apresenta Lydia ás autoridades como joven esposa de Iwan, accrestando que os dois estão passando a lua de mel. E já vae empurrando o supposto casal para uma alcova, que em seguida feicha á chave.

Salvos das impertinencias policiaes, encontram-se os dois fugitivas sózinhos numa situação bastante critica. Mas Lydia sabe contornar as difficuldades de uma maneira simples e pratica: ajoelhando-se, ao lado de Iwan, deante da Imagem de Nossa Senhora... considera-o seu esposo, já que as novas leis de sua patria não requerem outras formalidades. Não é preciso dizer que Iwan esteve inteiramente de accordo com a resolução de sua adorada...

De Hollywood para você

(FIM)

todos os seus empregados. E sem ganhar nada, é logico... A revista de Paul Whiteman está sendo feita em quasi todas as linguas do mundo. Isto, devido á grande iniciativa de Paul Kohner. Disse quasi todas, porque o Brasileiro está incluido. Quem vae ser o mestre de Cerimonias da versão em Brasileiro, é Olympio Guilherme. Nem mais nem menos. Elle que já andava de malas quasi promptas. Sabem quem o secundará? Garanto-lhes que não sou eu... E'a Lia Torá. Foi isto que ouvi na Universal.

O film não é todo falado em Brasileiro, não. Somente as apresentações são feitas na nossa lingua. E um ou outro dialogo. O resto é inglezada, mesmo.

Até que emfim! Parece até sonho! Hollywood aprendeu a saber que na America do Sul existe um paiz que não fala hespanhol...

Esta é uma prova que não admitte sophisma. O Cinema Brasileiro é o unico factor a que se pode attribuir este zelo...

Vocês sabiam que gato miando ao microphone reproduz pato?... Pois é... Qual! Vae ver que é um ratinho que faz **double** para o Leão da M. G. M...

Mary Brian deu para almoçar com Jack Oackie... Mas, Mary, não haverá alguem mais interessante neste mundo?...

Billie Dove e seu irmão, vi no Embassy Club.

Sue Carol e Nick Stuart estão gosando ferias em Palm Spring.

Buster Keaton terá uma versão hespanhola para o seu ultima film, **Free and Easy.** Mas elle falará? Ou será como Lon Chaney, na versão falada de **O Phantasma da Opera?** E' sempre assim. Todos falam. **Talkies**... Mas o **phantasma** dos **talkies** ha de ser sempre um detalhe **silencioso**...

Sussy Souza e L. Rezende. Do Rio Grande o primeiro e da Parahyba o segundo. Foram os dois mais recentes Brasileiros a passar por Hollywood. Viram. Ouviram. Cheiraram... E foram embóra...

O Dante Orgollini costuma dizer que são bemdictos aquelles que não conhecem Hollywood... Isto aqui é tão bom...

O Embassy Club anda na ponta. Evelyn Brent, Vivienne Segal, Joan Bennett, Lilyan Tashman, Sue Carol e muitos outros. Deixaram o Montmartre pelo Embassy. A' porta de ambos, ás quartas-feiras, não são poucos os curiosos que ficam aguardando o desfille de estrellas com os respectivos caderninhos de autographos...

O filho de Ernest Torrence trabalha na R. K. O. como technico de sons. Que desgosto para o Ernest, não? Ter um filho que é technico de... sons...

Se todas as fabricas acabarem fazendo films de grande comparsaria, em 3ª dimensão, isto é, 76 mm, todos os extras de Hollywood teriam com que matar a fome...

Raoul Walsh, por exemplo, está firme na 3ª dimensão. Está dirigindo **Oregon Trail**, uma especie de **Covered Wagon** (Os Bandeirantes), que James Cruze celebrizou. Está empregando 20 mil extras...

Quando a Universal voltar a actividade, responderão a chamada de principaes, John Boles, Jeanette Loff, Lupe Velez, Mary Nolan e Barbara Kent. Mas as vozes de Laura La Plante, Joseph Schildkraut, Robert Ellis e Merna Kennedy não serão registradas...

Outro dia Greta Garbo andou pelo **lobby** do Rossevelt Hotel. Nem queiram saber a quantidade de gente que por ali desfilou para vel-a!!! Ate eu que, em casa, calmamente lia o ultimo numero de **CINEARTE**, corri para lá, a chamado telephonico de um amigo que me chamou para ver o phenomeno... suéco... Ja a entrevistei na Metro. Vi-a pela primeira vez na rua depois. Tenho fisco outras vezes no studio, mas sempre corro para vel-a.

O Jack Oackie encontrou-se commigo e perguntou-me o que queria dizer a historia que delle eu publiquei na **CINEARTE**... Imagem!

Mais tarde, á porta do Henry's, vi Warner Baxter comprando **CINEARTE** que tinha a sua figura na capa... E elle a commentava, sorrindo satisfeito...

O **International Film Reporter**, é o unico que em Hollywood se publica, no nero. Dá noticias de todos os Studios do mundo em actividade, inclusive dos Studios Brasileiros. E' um jornal de Hollywood que tem secção de Cinema Brasileiro...

* * *

No proximo numero, uma sensacional entrevista de L. S. **Marinho** com Gary Cooper...

O Odol embelleza o riso

Officinas Graphicas d'O MALHO